

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS – (PUC-GO)
MESTRADO EM HISTÓRIA**

Vera Regiane Brescovici Nunes

**UM OLHAR IMAGÉTICO SOBRE A PINTURA RUPESTRE EM DOIS SÍTIOS
ARQUEOLÓGICOS NO MUNICÍPIO DE SÃO DESIDÉRIO – BA.**

**GOIÂNIA
FEVEREIRO DE 2013**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS – (PUC-GO)
MESTRADO EM HISTÓRIA**

Vera Regiane Brescovici Nunes

**UM OLHAR IMAGÉTICO SOBRE A PINTURA RUPESTRE EM DOIS SÍTIOS
ARQUEOLÓGICOS NO MUNICÍPIO DE SÃO DESIDÉRIO – BA.**

Dissertação apresentada a Pontifícia Universidade Católica de Goiás, como requisito para obtenção do grau de Mestre em História.

Professor Orientador: Dr. Luiz Eduardo Jorge.

**GOIÂNIA
FEVEREIRO DE 2013**

Nunes, Vera Regiane Brescovici.
N972o Um olhar imagético sobre a pintura rupestre em dois sítios
arqueológicos no município de São Desidério – BA [manuscrito] /
Regiane Brescovici Nunes. – 2013.
99 f. ; il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de
Goiás, 2013.

“Orientador: Prof. Dr. Luiz Eduardo Jorge”.

1. Pinturas rupestres - São Desidério (Bahia). 2. Arte pré-
histórica. I. Título.

CDU: 7.031.1(043)




**PUC
GOIÁS**

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

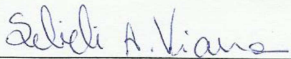
Av. Universitária, 1069 ● Setor Universitário
Caixa Postal 86 ● CEP 74605-010
Goiânia ● Goiás ● Brasil
Fone: (62) 3946.1070 ● Fax: (62) 3946.1070
www.pucgoias.edu.br ● prope@pucgoias.edu.br

DISSERTAÇÃO DO MESTRADO EM HISTÓRIA DEFENDIDA EM
26 (VINTE E SEIS) DE FEVEREIRO DE 2013 (DOIS MIL E TREZE)
E APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA.

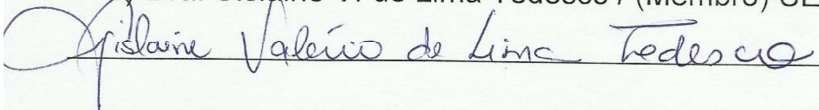
1) Dr. Luiz Eduardo Jorge / (Presidente) PUC Goiás



2) Dra. Sibeles Aparecida Viana / (Membro) PUC Goiás



3) Dra. Gislaíne V. de Lima Tedesco / (Membro) UEG



A Minha família que sempre esteve junto nessa caminhada.

AGRADECIMENTOS

A todos que de alguma forma contribuíram para que a realização desse trabalho se tornasse possível.

Ao meu filho André Felipe pelo incentivo e incondicional ajuda.

Ao prof. Dr. Luiz Eduardo Jorge orientador do trabalho.

RESUMO

O estudo em questão apresenta como objetivo realizar uma análise descritiva em grafismos rupestres encontrados nos sítios arqueológicos Morro do Sol e Pedras Brilhantes ou Morro dos Tapuias, localizados no município de São Desidério no Estado da Bahia. No município, podem ainda ser encontrados outros quatro sítios com identificação de pinturas e gravuras rupestres. A análise descritiva das imagens ocorreu a partir de uma macro compreensão visual do painel, para em seguida, através de cortes estratégicos nas imagens, proceder a análise em busca do objetivo proposto. A descrição se baseou em estudos realizados em outras regiões brasileiras, a partir de autores que desenvolvem trabalhos na área. Como os que vêm sendo realizados em todo o Estado baiano pelos pesquisadores da Universidade Federal da Bahia. Contribuindo para localização, identificação e catalogação dos vestígios rupestres. A análise foi realizada a partir das fotografias produzidas no local e na metodologia construída por Comerlato em 2007.

Palavras- Chave: Representação. Arte Rupestre. Grafismos. Sítios Arqueológicos.

ABSTRACT

This study has as objective make a descriptive analysis in graphics rock found in archaeological sites Morro do Sol and Pedras Brilhantes or Morro dos Tapuias, located in the São Desidério city, in Bahia. In the city, can be found four others sites with identification of paintings and rock carvings. The descriptive analysis of the images was performed from a macro understanding of the visual panel, to then through strategic cuts in the images, conduct analysis to achieve the objective. The description was based in studies conducted in other Brazilian regions, from authors who develop jobs in the area, like others deloped in state of Bahia, performed by researchers at the Universidade Federal da Bahia. Contributing to locating, identifying and cataloging the remains rock. The analysis was performed from the photographs produced on site and methodology proposal for Comerlato in 2007.

Keyword: Representation.Rock Art.Graphics.Archaeological Sites.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa dos municípios que integram a região oeste baiana	51
Figura 2 - Mapa de São Desidério e seus limites	53
Figura 3 - Urnas e material lítico encontrado na região - Museu Municipal de Barreiras - 2012	566
Figura 4 - Urnas encontradas em sítios da região oeste da Bahia. Museu Municipal de Barreiras - 2012.....	577
Figura 5 - Paredão de acesso ao Sítio Morro do Sol - 2012.....	59
Figura 6 - Entrada do paredão onde se encontra um painel contendo pinturas rupestres - Sítio Morro do Sol - 2012.....	599
Figura 7 - Caminho de acesso ao paredão do Sítio Morro do Sol - 2012.....	599
Figura 8 - Visão da planície abaixo do paredão. Sítio Morro do Sol - 2012.....	6060
Figura 9 - Visão lateral à esquerda do paredão. Depressão natural para as pinturas. Sítio Morro do Sol - 2012.....	60
Figura 10 - Abrigo central que interliga a gruta e os paredões. Sítio das Pedras Brilhantes - 2012	61
Figura 11- Gruta existente no caminho que leva ao abrigo central, onde estão registradas as pinturas. Sítio das Pedras Brilhante - 2012.....	62
Figura 12 - Vegetação nativa. Sítio das Pedras Brilhantes - 2012.	62
Figura 13 - Rochas dispostas no caminho do abrigo. Sítio das Pedras Brilhantes - 2012	63
Figura 14 - Pequenas rochas dispostas no caminho para se chegar ao abrigo. Sítio das Pedras Brilhantes - 2012	63
Figura 15 - Classificação utilizada para descrição das formas encontradas	66
Figura 16 - Vista panorâmica da entrada do sítio - Sítio Morro do Sol - 2012	677
Figura 17 - Entrada principal do paredão. Sítio Morro do Sol - 2012.....	688
Figura 18 - Paredão lateral onde se encontra o segundo painel de pinturas. Sítio Morro do Sol - 2012	688
Figura 19 - Painel A1 localizado na parte Central. Morro do Sol. 2013.....	699
Figura 20 - Painel A2 localizado na parte central do paredão. Morro do Sol - 2013	70
Figura 21 - Painel B localizado à direita. Morro do Sol - 2012.....	70
Figura 22 - Pontos cúpulas e sulcos painel A2.....	71
Figura 23 - Corte realizado na Figura 22.....	71

Figura 24 - Circunferências painel A1	71
Figura 25 - Corte realizado na Figura 24.....	72
Figura 26 - Linhas retas painel A1	72
Figura 27 - Corte realizado na Figura 26.....	72
Figura 28 - Linhas retas painel A2.....	72
Figura 29- Corte realizado na Figura 26.....	73
Figura 30 - Corte realizado na Figura 28.....	73
Figura 31 - Corte realizado na Figura 26.....	73
Figura 32 - Linhas curvas e onduladas painel A1.....	73
Figura 33 - Corte realizado Figura 32.....	744
Figura 34 - Áreas cheias painel A1.....	744
Figura 35 - Corte realizado Figura 34.....	744
Figura 36 - Corte realizado na Figura 34.....	744
Figura 37 - Áreas cheias painel B.....	755
Figura 38 - Corte realizado na Figura 37.....	755
Figura 39 - Corte realizado na Figura 37.....	755
Figura 40 - Sáurios painel B	766
Figura 41 - Sáurios painel B	766
Figura 42 - Sáurios painel B	766
Figura 43 - Sáurios painel A1	766
Figura 44 - Sáurios painel A2	777
Figura 45 - Sáurios painel A2	777
Figura 46 - Sáurios painel A1	777
Figura 47 - Pegadas de aves painel A1.....	777
Figura 48 - Pegadas de aves painel A1.....	788
Figura 49 - Representações humanas segmentadas painel A1	788
Figura 50 - Representações humanas segmentadas painel A1	788
Figura 51 - Grafismos abstratos painel A1	799
Figura 52 - Grafismos abstratos painel B	799
Figura 53 - Grafismos abstratos painel A2	799
Figura 54 - Entrada do Abrigo. Sítio das Pedras Brilhantes - 2012.....	82
Figura 55 - Parte superior do paredão onde se localiza do painel com grafismos rupestre. Sítio das Pedras Brilhantes - 2012.....	83
Figura 56- Painel superior. Sítio das Pedras Brilhantes - 2012.....	83

Figura 57- Painel superior em outro ângulo. Sítio das Pedras Brilhantes - 2012 ...	83
Figura 58 - Painel superior com detalhes dos grafismos. Sítio das Pedras Brilhantes 2012	844
Figura 59 - Parte inferior do painel - conjunto geométrico à esquerda e figuras solta à direita. Sítio das Pedras Brilhantes - 2012.....	844
Figura 60 - Detalhe parte inferior direita. Sítio das Pedras Brilhantes - 2012.....	844
Figura 61 - Imagem localizada à direita na parte inferior.....	855
Figura 62 - Localiza-se à esquerda no conjunto geométrico inferior	855
Figura 63 - Localiza-se no painel superior à direita	855
Figura 64- Localizado no conjunto inferior à direita.	866
Figura 65- Localiza no conjunto superior.....	866
Figura 66- Localiza-se na parte inferior do painel.....	866
Figura 67 - Localiza-se na parte superior do painel.....	866
Figura 68 - Localiza-se na parte inferior à esquerda	877
Figura 69- Localizados no conjunto superior do painel	877
Figura 70 - Localizado no conjunto superior à direita.	877
Figura 71 - Encontrada na parte inferior	888
Figura 72 - Encontrada na parte superior	888
Figura 73 - Encontrada na parte superior	888
Figura 74- Localizado no conjunto superior à direita	899
Figura 75- Localizado no conjunto superior à esquerda	899
Figura 76 - Encontrado no conjunto superior.....	899
Figura 77 - Encontrada no conjunto superior.....	90
Figura 78 - Grafismo abstrato encontrado no teto do abrigo	90

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Análise comparativa entre as condições ambientais dos sítios	64
TABELA 2 - Tipologia do Sítio Morro do Sol.....	71
TABELA 3 - Tipologia do Sítio das Pedras Brilhantes ou Morro dos Tapuias	85

LISTA DE ABREVIATURAS

CHESF - Companhia Hidrelétrica do São Francisco.

DERBA - Departamento de Infra Estrutura de Transportes da Bahia.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Artístico e Histórico Nacional.

EMBRAPA – Empresa Brasileira de pesquisa Agropecuária.

GPS – Sistema de Posicionamento Global.

PRODECER – programa de Desenvolvimento dos Cerrados.

PRONAPA – Programa nacional de Pesquisas Arqueológicas.

SF1, SF2, SF3 – Sanfranciscano 1, 2 e 3.

UFBA – Universidade do Estado da Bahia.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. A ARTE RUPESTRE COMO REPRESENTAÇÃO E LINGUAGEM	18
2.1 Representação e Linguagem	19
2.2 Representações Rupestres: em algumas regiões brasileiras.	31
2.3 Tradições e Estilos Rupestres Brasileiros	25
2.4 Tradições no Sul do País	39
2.5 Tradições no Brasil Central e Nordeste	40
2.6 Estilo de Arte rupestre no Brasil	45
3. REGIÃO OESTE BAIANA	47
3.1. Arte Rupestre nos Sítios Morro do Sol e Pedras Brilhantes no Município de São Desidério - Bahia	52
3.2 - Área de Estudo	52
3.3 O Município de São Desidério	53
3.4 Origem	55
3.5 Discussão do local	57
3.6 Sítio Morro do Sol e Sítio das Pedras Brilhantes: análise comparativa.	63
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES DA PESQUISA REALIZADA NOS SÍTIOS ARQUEOLÓGICOS MORRO DO SOL E PEDRAS BRILHANTES NO MUNICÍPIO DE SÃO DESIDÉRIO NO ESTADO DA BAHIA.	65
4.1 Sítio Morro do Sol – Caracterização, Localização e análise dos Grafismos.	66
4.2 Sítio das Pedras Brilhantes ou Morro dos Tapuias – Caracterização, Localização e análise dos Grafismos.	81
4.3. Análise Pictográfica entre os sítios: semelhanças e diferenças.	92
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	93
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	96

1. INTRODUÇÃO

As manifestações rupestres têm sido analisadas ao longo do tempo, sob diferentes modelos explicativos da arqueologia. A expressão “arte rupestre”, também chamada de arte parietal, é etimologicamente derivada do latim: “rupes” (rocha) e refere-se aos testemunhos gráficos das sociedades do passado, deixados sobre as paredes e tetos de cavernas. (WUST, 1991).

As referências sobre essa arte já se manifestavam desde o século XVI, na Europa. Mas, o reconhecimento e a necessidade em compreendê-la a partir de diferentes contextos, como o religioso e o simbólico ocorreram mais tarde (SILVA, 2012). Presume-se que as primeiras conexões entre as evidências etnográficas e o registro arqueológico tenham sido concebidas nos primórdios da teoria evolucionista no final do século XIX, quando houve pela primeira vez a relação entre culturas atuais e de “povos-primitivos” e culturas pré-históricas do paleolítico. Segundo (SILVA, 2002), essas obras não resultaram de pesquisas etnográficas no sentido antropológico, mas do resultado de relatos e publicações da época.

Foi somente no início do século XX que os registros rupestres foram associados à função utilitária-religiosa, numa perspectiva científica influenciada pela teoria evolucionista. Os registros rupestres são representações que registram o legado cultural de determinados povos em determinadas épocas. O termo ‘representação’ provém da forma latina “*repraesentare*” – fazer - se presente ou apresentar de novo. Fazer presente alguém ou alguma coisa ausente, inclusive uma idéia, por intermédio da presença de um objeto. (SANTAELA, 2008).

Ainda no XX, a representação foi entendida como um sistema de comunicação. Do ponto de vista da semiologia, passou a ser considerada um código simbólico, que deveria ser decifrado, como um texto. Em analogia à linguagem, os artefatos seriam sistemas de signos que comunicariam significados não verbais dentro de uma visão de conjunto, buscando-se a organização interna nos painéis.

Para a semiótica a linguagem é uma forma de representação que permite aos seres humanos perceber e inserir-se na realidade. Representa o legado cultural dos povos em geral. Para Pierce (MARTINS, 1998, p.39), as imagens que vêm da Pré-História, são signos e representam o pensamento do homem. “Um signo é uma coisa que representa outra coisa: seu objeto (ideia ou coisa) para alguém sob algum aspecto ou qualidade” Portanto, a penetração na realidade, é sempre mediada por linguagens,

por sistemas simbólicos. Uma construção que se realiza pela representação de objetos, idéias e conceitos, por meio dos diferentes sistemas simbólicos.

Consideradas pela semiótica como signos as imagens rupestres, são representações compostas por características que variam de acordo com a região onde estão localizadas ou período de sua elaboração. Em todo território brasileiro é possível encontrar uma infinidade de sítios contendo representações rupestres. Os sítios de arte rupestre acompanham a instalação do homem no território brasileiro, se espalham de norte a sul, leste a oeste, ligando-se e adaptando-se as suas necessidades.

As primeiras descrições sobre figuras rupestres de forma mais científica no território brasileiro datam do século XVIII. O despertar da pesquisa arqueológica para a importância dos sítios arqueológicos ocorreu a partir das descobertas de Peter Lund na Gruta de Lagoa Santa Minas Gerais.

Nas últimas décadas um grande número de pesquisas envolvendo vestígios rupestres têm se intensificado em todo Brasil. Na região sul a existência de sítios é reduzida se comparado aos estados de Minas Gerais, Goiás, Bahia, Piauí, entre outros.

No estado da Bahia há um grande número de sítios arqueológicos. Alguns apresentam apenas pinturas ou gravuras, outros artefatos líticos, urnas, e outros. O município de Central localizado ao norte do estado da Bahia e regiões circunvizinhas se destaca pela concentração de vestígios rupestres. O estado do Piauí, mais precisamente em São Raimundo Nonato, é a região que apresenta um grande acervo de grafismos rupestres já pesquisados. Também em outras regiões do Brasil podem ser encontrados vestígios.

Na década de 1980, segundo Prous (1991) e outros, os trabalhos realizados de sul a norte com base na variedade estilística encontrada em sítios brasileiros definiram oito tradições e algumas sub-tradições como: Meridional, Agreste, Nordeste, Geométrica, Litorânea Catarinense, Planalto, São Francisco e Amazônica que são utilizadas para caracterizar grafismos encontrados nas regiões brasileiras.

O presente estudo investigou os grafismos rupestres presentes em dois sítios arqueológicos do município de São Desidério Estado da Bahia. Tal estudo teve como objetivo realizar uma análise descritiva das imagens lá encontradas, identificando a tipologia, estilos e tradições presentes a partir de estudos realizados por autores em outras regiões brasileiras. Essa análise cronoestilística se processou baseada em: Ribeiro (2006); Oliveira (2006); Prous (2006); Costa (2005); Etchevarne (2011);

Comerlato (2007); Falcón (2012); Silva (2002), e outros. Para registrar as informações e proceder a análise foram utilizadas imagens fotográficas produzidas no local.

O estudo aqui empregado não contou com um aprimoramento sofisticado na captura e processamento das imagens e tampouco a utilização de decalques, apenas as imagens captadas por uma máquina fotográfica digital. Portanto, o desafio maior foi o de capturar com clareza os extensos painéis de forma que pudessem ser compreendidos por aqueles que tiverem acesso às imagens aqui registradas, como também torná-los compreensíveis para posteriores estudos e discussões propostas. A discussão quanto à história dos primeiros habitantes e o material lítico não tiveram um aprofundamento maior devido à falta de qualquer referência bibliográfica que pudesse apresentar dados comprobatórios.

Na região pesquisada é comum encontrar lugares que apresentem vestígios rupestres. A área pesquisada engloba apenas dois dos seis sítios que contém grafismos rupestres. Não foi possível investigar os outros pela extensa abrangência geográfica e pelo número painéis existentes. Os sítios em estudo foram analisados individualmente, com o objetivo de tornar a discussão clara e objetiva. O presente foi organizado em três capítulos conforme descrição a seguir.

O primeiro capítulo discute a arte rupestre a partir de conceitos elaborados por renomados autores que com suas pesquisas descrevem o panorama atual na área. Aborda a conceito de representação a partir da semiótica e outras correntes metodológicas, e a representação rupestre. Discute as principais representações rupestres encontradas em alguns estados como: Bahia, Minas Gerais, Goiás, Piauí e outros. Enfatiza o estado da Bahia por ser área de estudo. Finalmente, descreve as principais tradições rupestres presentes no território brasileiro.

O segundo capítulo faz uma breve abordagem sobre o oeste baiano. Através de uma recente publicação, traz alguns dados de como ocorreu a ocupação da região de São Desidério e territórios circunvizinhos. Discute a dizimação do grupo indígena Aricobés na cidade de Angical, cidade que fica aproximadamente há 57 quilômetros do município em estudo. Apresenta a área de estudo, a metodologia, e métodos da pesquisa. Descreve e discute os sítios pesquisados e sua localização.

O terceiro capítulo apresenta as discussões e resultados do trabalho. A análise se processa primeiro com um sítio e depois com outro. A tipologia, estilo e tradições são identificados a partir de estudos sobre grafismos rupestres divulgados em pesquisas na área. Por último, discorre brevemente sobre as principais semelhanças e

diferenças encontradas nos grafismos rupestres. Espera-se que esse trabalho se torne uma forma de divulgação dos painéis rupestres presentes nos dois sítios da cidade baiana de São Desidério.

2. A ARTE RUPESTRE COMO REPRESENTAÇÃO E LINGUAGEM

A expressão “arte rupestre”, também chamada de arte parietal, é etimologicamente derivada do latim: “rupes” (rocha) e refere-se aos testemunhos gráficos das sociedades do passado, deixados sobre as paredes e tetos de cavernas, abrigos-sob-rocha ou lages a céu aberto (WUST, 1991, p. 47). Essas manifestações têm sido analisadas ao longo do tempo, sob diferentes modelos explicativos da arqueologia. Silva (2002) propõe uma análise na ótica de dois pólos distintos: o que remete ao estudo do grafismo, e outro, que prioriza as condições que propiciam a produção dos próprios grafismos que envolvem o sócio-econômico, ecológico, entre outros.

No século XVI, na Europa, já se encontrava referências às pinturas existentes na gruta de Niaux. Mas o reconhecimento como “vestígios arqueológicos e a necessidade de estudá-los a um contexto simbólico religioso ocorreu somente mais tarde”. (SILVA, 2002, p.14) Para a autora, as primeiras conexões entre as evidências etnográficas e o registro arqueológico são sugeridas nas obras: “Primitive Culture” e o “Ramo de Ouro”. Ambas concebidas nos primórdios da teoria evolucionista no final do século XIX, quando houve pela primeira vez a relação entre culturas atuais e de “povos-primitivos” e culturas pré-históricas do paleolítico.

Essas obras não resultaram de pesquisas etnográficas no sentido antropológico, mas do resultado de relatos e publicações da época. Foi somente no início do século XX que houve uma associação dos registros rupestres com a função utilitária - religiosa, numa perspectiva científica influenciada pela teoria evolucionista. A idéia era compreender o passado a partir da visão que assimilava “povos primitivos à de arquivo vivo da cultura humana.” (SILVA, 2002, p. 15).

O historiador Breuil (apud, SILVA, 2002, p. 16) a partir de estudos sobre a expansão geográfica, “redefine a nova cronologia da arte rupestre no paleolítico, baseada em dois ciclos independentes entre si, caracterizados pelo esquema evolutivo original, do mais simples ao mais complexo”. Para ele arte rupestre, cumpre a função mágico-religiosa (caça, reprodução, etc.) essa associação com a magia foi alvo de críticas, pois resultou que a arte paleolítica se tornaria presa a crenças totêmicas ou magias. “A ruptura com essa concepção linear e a explicação de um modelo explicativo só vem ocorrer com os trabalhos de Laming Emperaire e Ieroi Gourhan”. (Silva, 2002,

p. 17). Breuil fora criticado pela subjetividade e ausência de critérios nas suas investigações.

A emergência do novo paradigma caracteriza-se por uma atitude de ruptura com o modelo explicativo que se baseava a) na suposição de motivações totêmicas ou de práticas mágicas; b) na metodologia pouco rigorosa que selecionava arbitrariamente grafismos para reiterar idéias já concebidas e, finalmente, c) no desconhecimento da possibilidade de uma organização significativa dos grafismos no espaço pictográfico (SILVA, 2002, p.17).

Na nova proposta criada nos anos de 1960, foram modificadas as formas de leitura dos grafismos, que se efetivava a partir de uma linguagem analítica e sistemática. “Muda-se o método em função de novo objeto”. (SILVA, 2012, p.18). Analisa-se o objeto o signo e não as analogias etnográficas. As representações rupestres passam a ser consideradas como um conjunto significativo, cujas unidades se relacionam entre si, tanto do todo como das partes.

2.1. Representação e Linguagem

Etimologicamente, ‘representação’ provém da forma latina “*repraesentare*” – fazer presente ou apresentar de novo. Fazer presente alguém ou alguma coisa ausente, inclusive uma idéia, por intermédio da presença de um objeto. No conceito de representação utiliza-se o originário do termo inglês *representation(s)* como um sinônimo de signo. “Howard (apud, SANTAELLA, 2008, p.16) afirma que as palavras: representação, linguagem e símbolo são virtualmente intercambiáveis nos seus usos”.

Até a Renascença se atribuía uma relação mais ou menos de evidência entre objeto e referência, na era clássica segundo Foucault (apud, SANTAELLA, 2008, p. 23) (...) “O signo deixa de ser uma figura do mundo e de estar ligado àquilo que ele marca pelas linhas sólidas e secretas da semelhança ou afinidade”. Nesse sentido a representação deve ser entendida como uma ‘re-presentação’ da racionalidade lógica universal, baseada na arbitrariedade e na convenção.

Após a mudança de paradigmas da Renascença em que se baseou na razão clássica, Foucault (apud SANTAELLA, 2008, p. 24) afirma que, “uma rede de signos coloca-se no lugar do conhecimento. (...) Por meio dos signos as coisas tornam-se distintas, se conservam na sua identidade, se desfazem e se ligam. “A razão ocidental entra na era do julgamento”. Assim, o sistema racional da representação lingüística se

torna presente nas ordens científicas, culturais, econômicas e políticas, determinando a ordem geral das coisas.

Nas ciências humanas a representação discutida por Ginzburg (2001), pode ser ambígua, por um lado, ao mesmo tempo em que mostra a realidade, evoca ausência, por outro, pode ser presente, mas remete a realidade ausente que está representando. Para Chartier, (1988) é o produto do resultado de uma prática. A literatura, por exemplo, é uma representação, porque é o produto de uma prática simbólica que se transforma em outras representações.

Gombrich (1978) descreve a representação não como réplica, evidentemente. Que não precisa ser idêntica ao motivo. O teste de uma imagem não é sua semelhança com o natural, mas sua eficácia dentro de um contexto da ação. Ela pode ser semelhante ao natural se isso for considerado como algo que contribui para sua força, mas em outros contextos, o mais sumário dos esquemas bastará desde que retenha a natureza eficaz do protótipo ou da idéia.

A fotografia também representa algo, é inclassificável, para Barthes (2010, p.14), não será um signo porque para existir como tal é necessário haver marca. “As fotos são signos que não se fixam bem, que se alteram como leite”. Porque o que se vê não é a fotografia ela sempre representará alguma coisa. É uma linguagem em que não é possível separar o desejo do objeto, ambos se completam.

A linguagem é um sistema de signos, que serve de comunicação entre os seres humanos. Martins (1998) afirma que as linguagens verbais e não – verbais, ou sistema de signos, servem para expressar a comunicação e podem ser percebidos, por diversos órgãos do sentido, o que permite identificar, e diferenciar, uma linguagem oral (a fala), uma linguagem gráfica (a escrita, um gráfico) uma linguagem tátil (o sistema de escrita braile, um beijo), uma linguagem auditiva (o apito de um guarda), uma linguagem olfativa (um aroma), uma linguagem gustativa (o gosto salgado ou doce de algum alimento), ou as linguagens artísticas. A penetração humana na realidade é sempre mediada por linguagens, por sistemas simbólicos construídos através dos diferentes tipos de representação.

Uma representação que permite aos seres humanos perceber e inserir-se na realidade. Representa o legado cultural dos povos em geral. Para Pierce (MARTINS, 1998, p.39), são signos e representam o pensamento do homem. “Um signo é uma coisa que representa outra coisa: seu objeto (ideia ou coisa) para alguém sob algum aspecto ou qualidade” Portanto, a penetração na realidade, é sempre mediada por

linguagens, por sistemas simbólicos. Uma construção que se realiza pela representação de objetos, idéias e conceitos, por meio dos diferentes sistemas simbólicos.

Para Martins (1998, p. 39) “Um signo só é uma representação de algo para nós se conhecermos o objeto do signo, isto é, aquilo que é representado pelo signo. Se um signo-objeto não faz parte das referências pessoais e culturais do interprete, não há possibilidade de o signo ser aplicado, de denotar o objeto par o intérprete”. Pierce legava que o Universo está cheio de signos, entre os quais o homem se faz signo, suas idéias são signos.

Para Pierce não há lugar sem signos, são representações que se compõem em linguagens. Pierre Lévy (apud, MARTINS, 1998, p.39) afirma:

Um instrumento com o qual os seres humanos podem se desligar parcialmente da experiência corrente e recordar, evocar, imaginar, jogar, simular. Assim eles decolam para outros lugares, outros momentos e outros mundos. Não devemos esses poderes às línguas, mas igualmente às linguagens plásticas, visuais, musicais, matemáticas, etc. quanto mais às linguagens se enriquecem e se estendem, maiores são as possibilidades de simular, imaginar, fazer um alhures ou uma alteridade.

Ferdinand de Saussure (apud, LONGO, 2006, p.30) tratou das questões da linguagem afirmando que a “língua é um sistema no qual todas as partes podem e devem ser consideradas em sua solidariedade sincrônica, portanto, a língua como trama de valores que diferem entre si. É uma estrutura composta por elementos diferentes, relacionados entre si.” A linguagem é multiforme e heteróclita, pertence tanto ao domínio individual quanto ao social. Não é a linguagem que é natural ao homem, mas a faculdade de construir uma língua, ou seja, a língua é um produto social da faculdade da linguagem.

Na linguagem iconográfica estuda-se o repertório dos temas e símbolos característicos da arte de uma época. Impõe uma ideia de que a imagem não deve ser apenas contemplada, mas passar pelo trabalho de leitura. Portanto a iconografia conduz a semiologia. Enquanto a iconografia pretende enunciar essencialmente o que representam as imagens, a semiologia dedica-se a demonstrar os mecanismos do significado, a tornar visíveis os recursos do processo significante, dos quais a obra seria ao mesmo tempo o lugar e o produto.

Foi Pierce (apud, SANTAELLA e NÖTH, 1999), que introduziu a ideia de que o ícone não é necessariamente signo. Para ele, as imagens da arte seriam, em primeiro lugar, hipó-ícones e, antes de serem signos, tem um sabor próprio. Ideia difícil a de

compreender como devem ser vistas não apenas as produções plásticas de culturas estranhas à nossa, mas também as poucas e raríssimas obras desse tempo que, de Cézanne a Mondrian e de Matisse a Rpthko e Barnett Newmam, parecem trabalhar para além da figura, senão mesmo contra ela, para além do signo, senão mesmo contra ele.¹

A Semiótica vê nas imagens, formas sígnicas que podem ser observadas tanto na qualidade de signos quando representação de aspectos do mundo, quanto em si mesmas. Expressam figuras ou outras formas, e podem ser vistas em muitas culturas. Na cultura ocidental valorizam-se as imagens mentais, por serem consideradas a essência do pensamento. As imagens visuais atingem uma conotação diferente da mental, sua importância pode variar de acordo com as variações culturais de determinadas civilizações.

As imagens representadas recebem a denominação de ícones, mas, nem todos os ícones são imagens visuais, Pierce “concebe de uma forma mais geral as acústicas, táteis, olfativas ou formas conceituais de semelhança sígnica.” (SANTAELLA e NÖTH, 1999, p.38) A semelhança, entre signo da imagem e seu objeto, evocou um modelo triádico de signo composto de um significante visual (*representamen*), objeto de referência ausente e evoca no observador um significado (interpretante) uma ideia do objeto. O autor interpreta o signo como um processo circular.

Sobre a semiótica, Santaella e Nöth (1999) afirmam que tem como ciência geral dos signos, a tarefa de desenvolver instrumentos de análise desses produtos prototípicos do comportamento sígnico humano. No entanto, uma semiótica especial da imagem, da pintura e da fotografia somente se desenvolveu relativamente tarde ao longo da história da semiótica moderna. A semiótica permaneceu, por um período demasiado longo, subjugado a modelos logocêntricos.

Na era da semiologia estruturalista dos anos de 1960, a semiótica se voltou não apenas para fenômenos sígnicos lingüísticos ou aqueles codificados de maneira semelhante aos fenômenos lingüísticos, mas também para as imagens.

O sistema categorial triádico de Peirce é fundamental para o entendimento da semiótica. Enquanto Aristóteles postulou dez e Kant doze categorias ontológicas, Peirce desenvolveu uma fenomenologia com somente três categorias universais, que ele denominou primeiridade, secundidade e terceiridade.

Para Pierce (apud, SANTAELLA e NÖTH, 1999, p.2) as categorias postulam:

¹ Semiologieeticonographie, art. Cit./ Jean Luc Chalumeau – Teorias da Arte.

(...) primeiridade é a forma de ser daquilo que é como é, positivamente e sem nenhuma referência a qualquer outra coisa. Ela é a categoria da presença imediata, do sentimento irrefletido, da mera possibilidade, da liberdade, da imediaticidade, da qualidade não diferenciada e da independência. A categoria da secundidade baseia-se na relação de um primeiro a um segundo. Ela é a categoria do confronto, da experiência no tempo e no espaço, do factual, da realidade, da surpresa. Somos confrontados com ela em fatos tais como o outro, a relação, a coerção, o efeito, a dependência, a independência, a negação, o acontecimento, a realidade, o resultado. A categoria da terceiridade põe um segundo em relação a um terceiro. Ela é a categoria da mediação, do hábito, da lembrança, da continuidade, da síntese, da comunicação e da semiose da representação ou dos signos.

Apesar de os signos pertencerem à categoria da terceiridade, já que eles unem um primeiro, a saber, o veículo do signo a um segundo, o objeto representado no signo, em um terceiro, a consciência interpretativa, os aspectos da primeiridade e da secundidade podem, em certos casos, predominar, de maneiras distintas, no signo. Se, por exemplo, o signo enquanto tal for observado primariamente sob o aspecto da sua qualidade como veículo do signo, é a categoria da primeiridade que se encontra em primeiro plano. Se o signo for considerado em relação a seu objeto, trata-se, nesse caso, da categoria da secundidade.

A arte rupestre como um ícone implica considerá-la nas suas qualidades. Um Signo icônico apresenta similaridades com o seu objeto.

Semioticamente, não é necessário que os Objetos dos signos tenham uma existência física, mas é necessário que o intérprete tenha algum tipo de experiência colateral para entender a mensagem representada. O Signo icônico é regido por similaridades, comparações e analogias em uma relação de natureza hipotética com o Objeto. (OLIVEIRA, 2006, p. 6).

Essas semelhanças apresentam três graus, que correspondem a três tipos de signos icônicos: a imagem (aparência), o diagrama (analogia com parte do objeto) e a metáfora (paralelismo com algo diferente do objeto). Na pintura rupestre observa-se que no primeiro grau de similaridade a representação é retratada em um nível de aparência expressa através da forma, da cor, da textura, do volume, e do movimento. (OLIVEIRA, 2006).

O segundo grau estabelece a similaridade entre o signo e apenas partes do objeto. Por exemplo, podem ser citados os mapas realizados para localização de sítios, pois estes representam parte de um todo, também os croquis construídos no local, durante trabalhos em campo são exemplos de ícones em seu segundo grau de similaridade, pois cada ponto marcado no croqui representa algum ponto no terreno do

sítio arqueológico. Para quem desenhou na pedra, os desenhos provavelmente são mapas de localização de sítios.

O terceiro grau estabelece um paralelo entre um caráter representativo do Signo e o caráter representativo do Objeto. O caráter representativo refere-se ao que dá ao signo o poder de representar alguma coisa diferente dele, mesmo que combinam aspectos humanos e aspectos de animais.

A arte rupestre como índice estabelece uma relação dinâmica entre objeto e o signo.

Uma característica importante do Índice está no fato de possuir em si um Ícone. (...) Os desenhos das mãos podem, além de sua similaridade (cone) ser interpretados como signos indiciais, pois, sem a mão que serviu de molde (objeto do signo), não seria possível existir o Signo (a representação das mãos).” (OLIVEIRA, 2006,p.8).

A arqueologia utiliza-se de registros visuais: fotografias, imagens de satélite que são signos indiciais no estudo das sociedades passadas.

O símbolo na arte rupestre é considerado uma mediação, um meio geral que permite o desenvolvimento de um interpretante. É a partir do interpretante que se dará a existência e sua razão de ser. Na arte rupestre, cada fragmento representação é um sin-signo², e as tradições são legi-signos³. O legi-signo é uma lei ou uma regra que preside a formação de certa classe de sin-signos.(OLIVEIRA, 2006,p.10).“Os Símbolos são comandados por abstrações gerais, que são estabelecidas também pelo intérprete.”

Para compreensão desses símbolos foram estabelecidas as Tradições na década de 1970 pelas Missões Arqueológicas Brasileiras, no Piauí e no Centro de Minas Gerais, e depois no norte mineiro, pelo Setor de Arqueologia da UFMG que nomearam e categorizaram os principais conjuntos gráficos rupestres presentes no Brasil Central e Nordeste como: Nordeste, Agreste, São Francisco e Planalto.

Cada Tradição de arte rupestre é a materialização de unidades classificadas de acordo com regras estabelecidas a posteriori, que reúnem em um conjunto réplicas individuais. Essa classificação procura uma convenção cultural, como símbolos. Por entender a arte rupestre como um símbolo, faz-se uma analogia com as famílias lingüísticas, como se fossem textos. A partir dessa analogia, os estudos analisam a arte de um ponto de vista logocêntrico, considerando a arte rupestre como um texto escrito, desconsiderando as características dos ícones e dos índices que fazem parte do próprio símbolo. (OLIVEIRA, 2006, p. 09)

A tríade pierciana nos oferece a possibilidade de uma análise a partir dos aspectos intrínsecos e extrínsecos presentes na arte rupestre, facilita entender cada

²Singularidade- coisa ou evento existente tomado como signo.

³ Lei – convenção ou lei estabelecida pelo homem.

tradição arqueológica quanto à classificação cronoestilística que compõe essa linguagem.

2.2. Tradições e Estilos Rupestres Brasileiros

Para Ribeiro (2006), o conceito de tradição arqueológica foi introduzido no Brasil por Betty Meggers e Clifford Evans na década de 1960. Com o objetivo de fornecer um quadro geral das culturas arqueológicas brasileiras a curto prazo. O uso dessas categorias seria para identificar as variantes culturais ou étnicas na distribuição cronogeográfica dos artefatos, que se alinhava mais ao difusionismo cultural europeu que ao neo-evolucionismo de onde se originaram as noções de tradição. Calderon em 1970 (apud RIBEIRO, 2006), trouxe a primeira ordenação seguindo esses moldes. O termo tradição foi definido pelo autor como:

(...) conjunto de características que se refletem em diferentes sítios ou regiões, associados de maneira similar, atribuindo cada uma delas ao complexo cultural de grupos étnicos diferentes que as transmitiram e difundiram gradualmente modificados, através do tempo e do espaço (CALDERÓN, 1983 [1967], apud COSTA, 2005, p. 145-6).

A referida definição propôs uma classificação para os sítios arqueológicos do sudeste baiano em tradições Simbolista e Realista. Definiu a Tradição Realista da seguinte forma:

O exame de uma série de pictografias nas quais é bem visível a intenção de reproduzir homens, animais e plantas, com o máximo rigor permitido pela habilidade técnica de seus autores, levou a identificação de uma forma de expressão artística que por sua difusão espacial e, provavelmente, temporal, suas características de fidelidade aos modelos que tentaram copiar, denominamos de Tradição Realista, cuja extensão geográfica parece ultrapassar os limites do Estado (CALDERÓN, 1983 [1967], p. 14 apud COSTA, 2005 p. 145).

Sobre a Tradição Simbolista descreve e conceitua como mais abundante e espalhada por todo país:

Geométrica ou grosseiramente figurativa, deve corresponder a povos marginais, com cultura muito primitiva. Encontramo-la na Caverna do Bode, na Serra Solta, no Rio São Francisco (Curaçá e Petrolina) e em diversos 38 pontos da Chapada, especialmente nos sopés desta, perto da estrada que vai de Irecê ao Morro do Chapéu. São sempre motivos isolados sem correlação aparente. Superpõem-se e misturam-se sem conservar nenhuma harmonia, variando bastante quanto à forma. Podem ser simples círculos ou espirais assim como complicados desenhos lineares altamente elaborados como os que se podem ver na Serra Solta. (CALDERÓN, 1983 [1967], p. 15-16 apud COSTA, 2005 p. 146).

As classificações acima, não obtiveram êxito. Os padrões de similaridade, temática e estilística, seriam mais tarde adotados por arqueólogos de Minas Gerais e Piauí e outros independentes.

Na década de 1960, o etnólogo Desidério Aytai (RIBEIRO, 2006), desenvolveu o primeiro estudo estruturalista de arte rupestre no Brasil, em que propôs decodificar as gravuras do “sítio de Itapeva” (SP) com outras regiões, na busca de regulares para decifrar seu significado. “Foram interpretadas por associações aos pares de oposições identificados nos mitos” (RIBEIRO, 2006, p.23). As associações foram realizadas a partir de cores, altura e lateralidade.

Com a Missão Arqueológica Francesa as pesquisas começaram se desenvolver em Minas Gerais a partir de 1971, cujo objetivo era determinar o estilo cronogeográfico, temática e a composição gráfica. Buscava-se analisar, por exemplo, as relações entre grafismo como cor e posição no suporte. A análise das tipologias possibilitava “um inventário das figuras disponíveis ao uso e combinação pelos artistas rupestres, (...) e se apresentavam aos pesquisadores como uma importante evidência da padronização cultural”. Como a arqueologia estrutural buscava reconstruir as etapas da evolução das culturas humanas, seu objeto de estudo era a “(...) estrutura do pensamento presente na mente dos seres humanos que produziram o registro arqueológico, Tais estruturas seriam com anti-projetos da produção da cultura material.” E estariam organizados nas cadeias operatórias que se refletiriam nas regras de composição dos sítios. As pesquisas realizadas pela Missão Franco-brasileira nos anos de 1970 partiam de quatro princípios sobre a identificação da arte rupestre (RIBEIRO, 2006, p. 25):

a) Identificação das estruturas regentes da organização gráfica dos sítios; b) a comparação etnográfica como suporte à interpretação dos significados dos grafismos; c) a busca de visualização da padronização do registro gráfico para formulações de classificações culturais através de análises formais; d) a organização das unidades classificatórias em sequências cronológicas relativas regionais.

Os dois primeiros aspectos foram abandonados pelas equipes, já os dois últimos serviram como suporte para as pesquisas.

Os trabalhos realizados sobre arte rupestre por essa escola francesa no Brasil caracterizaram-se em trabalhos regionais, escavações em amplas superfícies para reconstrução de solos e análise de artefatos líticos. Ribeiro (2006, p. 25) afirma que “aplicados a arte rupestre essa abordagem resultou na exploração de grandes áreas

passíveis de comparação, reproduções de acervos e classificação tipológicas de figuras.” Os métodos franceses de delimitação espaço-temporal através das sequências regionais são complementados pelos estudos amostrais de amplas regiões com apresentação e sistematizações de dados nas classificações em fases e tradições defendidas pelos membros do PRONAPA⁴(RIBEIRO, 2006).

A noção de tradição arqueológica enquanto conjunto de regras que orienta a produção cultural condizia com o interesse estruturalista na identificação por meio de inventários dos padrões culturais pré-históricos. Após as primeiras pesquisas os arqueólogos das missões francesas passaram a adotar prospecções com levantamentos mais rápidos de coletas e sondagens, ou agrupar os dados em tradições arqueológicas. Ribeiro (2006).

Afirma Ribeiro (2006, p. 26), que “as abordagens estruturalistas iniciais da arte rupestre que se caracteriza na identificação da estrutura orientadora dos acervos rupestres, se manteve apenas nos trabalhos de Prous e Vialou”. O primeiro investe na ótica estruturalista na elaboração das sequências cronoestilísticas da arte rupestre. O método estruturalista considera a arte rupestre como uma “linguagem expressiva”⁵, cujos significados devem ser evidenciados tanto na relação entre os signos (grafismos), como na sintaxe(nas disposições espaciais estruturado no espaço pictográfico).

As representações rupestres podem ser consideradas como conjunto significativo, pois guardam íntima relação entre si, a partir da redefinição tanto do que é o todo quanto das partes. Sobre esse conjunto significativo (SILVA, 2002, p. 32), afirma que “as análises desses conjuntos voltam-se para a identificação e a compreensão das conexões que os grafismos estabelecem entre si, articuladamente; (...) passível de ser codificado nas suas disposições organizativas”.

Os trabalhos de A. Laming – Emperaire e A. Leroi- Gourhan (apud, SILVA, 2002) sobre a reordenação cronoestilística dos conjuntos rupestres apontam que estas se “encontram condicionadas à noção de evolução do mais simples ao mais complexo (ou do geométrico ao naturalismo)”.Leroi-Gourhan(1965, apud SILVA, 2006), contrapõe o conceito de pensamento simbolizante o qual discute que a leitura e a produção de grafismo são próprias do ser humano e isso o distingue das demais espécies. Para o autor a figuração não cópia fiel da realidade, mas sim uma representação abstrata. E que o registro arqueológico deveria ser compreendido a partir dos elementos culturais

⁴ Programa Nacional de pesquisas Arqueológicas.

⁵ Linguagem baseada no pressuposto saussuriano da arbitrariedade do signo. Reporta a representação como um produto coletivo de relações sociais. (in: Silva, 2002)

percebidas no espaço que se inserem. A linguagem nessa visão são os grafismos registrados nas paredes e a figuração a capacidade de compreensão e abstração dessa linguagem.

Para Ribeiro (2006), a provável causa de que a orientação de análise estruturalista não tenha se difundido no Brasil decorreu da diversidade existente de arte rupestre. O mesmo não ocorreu no Paleolítico inferior francês, que na década de 1960, apresentava-se como continuação sócio-ideológica sendo possível fazer inferências sobre a “estrutura de pensamento caçadora – coletora” (RIBEIRO, 2006, p.27). No Brasil em sítios arqueológicos antigos do centro-oeste, a primeira Tradição identificada foi a Itaparica, permitindo inferências românticas de que ocupação do vasto território teria ocorrido por grupos caçadores coletores. Mas a variedade da arte rupestre não permitia que essa análise se mantivesse.

A arqueologia anglo-saxônica da década de setenta, por meio das correntes pós-processualistas e nas abordagens da etnoarqueologia nos anos de 1980, fazem com que as tentativas de interpretação dos grafismos rupestres se tornem mais evidentes. Inúmeros trabalhos com análises contextuais sobre os grafismos surgem nesse período. Os registros passam a ser interpretado com grande pluralidade de interesses, tanto em macro abordagens, como exemplo, o transe xamânico quanto em microanálise, contextos específicos como a postura dos grandes herbívoros na Europa, entre outros. Também interpretações de manifestações rupestres que seriam a figuração de fenômenos celestes, identificação de sequências rítmicas, e outros, aparecem em trabalhos. (SILVA, 2002).

Para Silva (2002, p. 24) “essas análises geraram acréscimo significativo nas investigações arqueológicas, com inevitável renovação metodológica, sendo que, um número considerável destes estudos apoiou as hipóteses de trabalho em analogias etnográficas”. Em alguns casos a explicação para o “transe xamânico” e de particulares discutidas sobre a era “pós-estilística”, causaram não somente repercussão na comunidade científica internacional, mas atingiram direta ou indiretamente as discussões acerca dos ordenamentos cronoestilísticos presentes na arte rupestre brasileira.

No ano de 1980 muitos trabalhos de descrição e classificação foram realizados no Brasil, quer por pesquisadores Missões Franco – Brasileiras ou independentes. Que podem ser vistos a partir de dois grupos (RIBEIRO, 2006, p.28):

O primeiro se dedica a descrever a arte rupestre das áreas em estudo o mais minuciosamente possível, sem se esforçar em interpretar seus significados simbólicos enquanto aguarda elementos que permite relacioná-la ao restante do grupo arqueológico (sejam novas tecnologias de datação, sejam dados de correlação recuperados em escavação. Quando estes elementos existem (geralmente datações absolutas, relativas ou por temática) as tradições são incluídas na reconstrução do período ao qual se referem. (...) O outro lida principalmente com figuras naturalistas, prima por um ponto de vista da arte rupestre enquanto registro histórico. De acordo com essa perspectiva os grafismos representam o cotidiano da pré-história. Oferecendo elementos de reconstrução da vida cotidiana, ritual, e da organização social do grupo.

Para Ribeiro (2006), no primeiro grupo encontram-se autores como: Prous (1996 - 97, 1999a e 1999c); Schmitz e outros, (1984, 1997); Seda (1990, 1996), no segundo seguem-se autores como: Guidon (1981- 82), Martin (1981; 1984, 1987), Pessis (1984, 1989, 2003) e pesquisadores de Arqueologia Brasileira, Jalles(1999); Jalles e Imázio, 2004); Alemany (1986).

Ao longo das décadas de 1970 e 1980 as pesquisas sobre a arte rupestre brasileira nas regiões centrais e nordeste foram orientadas para as classificações estilísticas e descritas cinco tradições rupestres, além de diversos conjuntos gráficos classificados a partir de critérios distintos, conforme postula Ribeiro (2006, p.28): “tradições Nordeste, São Francisco, Geométrica, Agreste, Itacoatiaras e Planalto, sub-tradição Seridó; complexo Montalvânia, estilo Serranópolis, estilo Caiapônia, unidades estilísticas Piolho de Urubu e Desenhos”. A forma de classificação inicial das tradições e sub-tradições foi alvo de “questionamento por teóricos como Consens e Seda, que argumentaram terem sido mal definidas”. (1989, apud, RIBEIRO, 2006).

Em se tratando das tradições Nordeste, São Francisco, Geométrica e Agreste, foram utilizadas a aplicação dessas categorias e identificadas em quase todo centro-nordeste, conforme Martin (1997); Pessis (2004); Prous (1992, 1994) entre outros.

Para Ribeiro (2006, p. 29), as tradições em geral “são definidas pela repetição de traços temáticos que indicaria continuidade cultural, correspondendo aos códigos ou repertórios partilhados por grupos separados no espaço no tempo ou em ambos.” Conceito postulados por Calderón (1970), Martin (1997), Pessis e Guidon, (2000/1992), Prous(1992, 1999).

Quanto ao estilo, nem todos os autores concordam alguns como Guidon e Pessis (2000(1992, apud, RIBEIRO, 2006), afirmam ser o “resultado da evolução de uma etnia em função do tempo, do isolamento geométrico, das influências exteriores.” Prous (1992, 1999 e Schimitz e outros, 1984, apud, RIBEIRO, 2006, p.28), afirmam que “o estilo caracteriza períodos, territórios, limites geográficos e temporais de

manifestação das tradições”. Ambas as definições abordam que o estilo se diferencia pelas diferentes abordagens a que é submetido (morfologias e técnicas) determinadas ou utilizadas.

A partir de 1990, abordagens teóricas das arqueologias estadunidenses e européia, passaram a ser aplicadas ao passado pré- histórico do território brasileiro que com objetivo de se elaborar estudos mais precisos de contextualização e datação das pinturas e gravuras rupestres. Há mais de trinta anos realizam-se, análises e descrições das tradições rupestres no Brasil.

Para Ribeiro (2006), essas pesquisas sistemáticas têm contribuído para maior detalhamento dos estilos e tradições encontradas em algumas regiões, e estimulado novas pesquisas na área. Autores como Isnardis (2004); Prous e Ribeiro (1996- 1997), entre outros, inserem-se nesse quadro. Isnardis (2004, apud, RIBEIRO, 2006), investigou em abrigos rochosos do Cânion do Rio Peruaçu (MG), e fez associações dos diferentes estilos encontrados no local às características físicas dos abrigos, observando se as qualidades físicas dos sítios poderiam ter sido consideradas na escolha para a realização de determinados estilos.

Na Serra da Capivara, estado do Piauí, após trinta anos de pesquisas alguns conjuntos significativos que haviam sido nomeados anteriormente foram reorganizados, revistos e discutidos a partir novas perspectivas sobre a arte local, apresentadas por Pessis em 2003, conforme descreve Ribeiro (2006, p. 31):

Em pesquisas anteriores havia sido identificada na região a Tradição geométrica, composta por características técnicas e morfológicas que distinguem suas pinturas daquelas atribuídas às Tradições nordeste e Agreste dominante na região. Pessis considera não haver elementos que indiquem que os autores das figuras da Tradição Geométrica pertencessem a um grupo cultural único e distinto dos autores das demais figuras.

A investigação da arte rupestre a partir de outros recursos como os tecnológicos, que já vem sendo utilizada e permite maior precisão nos dados. Segundo Ribeiro (2006), a tecnologia já começou a ser utilizada no passado, mas não de forma contínua. Reflexões recentes sobre os processos de ocupação humana no território brasileiro têm sido realizadas e já se encontram disponíveis em bibliografias, como, (Dias, 2005; KIPNIS, 2002, 2003, apud RIBEIRO, 2006).

O conceito em vigor de tradição rupestre se pauta na ideia de que os “conjuntos de temas representados com mais freqüência na arte rupestre são manifestações de repertórios culturais, donde repertórios temáticos distintos distinguem repertórios

culturais” (RIBEIRO, 2006, p.48) que pode ser encontrado em autores como Prous(1999), Isnardis(2004), entre outros. Nessa abordagem, a cultura interfere e conseqüentemente ocasiona as mudanças demonstradas na continuidade gráfica.

Ribeiro (2006) afirma que tradição rupestre como repertório temático ou repertório cultural tem suas raízes na arqueologia e princípios estruturalistas nos primórdios da pesquisa sistemática. Tais idéias encontram suporte em autores como Lévi- Strauss (1955), Leroi-Gourhan (1965) e Laming(1962). E em outras correntes antropológicas não estruturalistas como em Geertz (1889).

Trabalhos realizados de sul a norte, e revistos ao longo da década de 1980 e posterior, sobre a variedade estilística encontrada em sítios rupestres brasileiros definiram oito tradições e algumas sub-tradições que foram denominados de: Meridional, Agreste, Nordeste, Geométrica, Litorânea Catarinense, Planalto, São Francisco e Amazônica, descritas a seguir. No presente estudo devido ao grande número de tradições rupestres já definidas em território brasileiro, optou-se em descrever apenas algumas. A proximidade geográfica com a área pesquisada, as semelhanças cronoestilísticas e o grande número de pesquisas realizadas foram relevantes para a escolha. O objetivo não foi privilegiar uma ou outra, apenas dialogar com suas especificidades.

2.3. Representações Rupestres: em algumas regiões brasileiras.

As representações rupestres são compostas por características que variam de acordo com a região onde estão localizadas, ou o período de sua elaboração. Em todo território brasileiro é possível encontrar uma infinidade de sítios contendo representações rupestres. Os sítios de arte rupestre acompanham a instalação do homem no território brasileiro, se espalham de norte a sul, leste a oeste, ligando-se e adaptando-se as suas necessidades.

Para Jorge (et al.,2007, p.106). “As tradições brasileiras de pinturas e gravuras são criações autóctones, e não imitações ou cópias de imitações estrangeiras”. Executadas de duas formas costumam aparecer: “uma, pintada, usando pigmentos minerais dissolvidos ou aplicados a seco; outra, gravada, em baixo-relevo, produzindo figuras por percussão ou raspagem”.

No Brasil, “As primeiras descrições de figuras rupestres, de forma mais científica, apareceram no século XVIII, ainda que, paralelamente a esses relatos,

continuem a divulgação da visão fantasiosa da arte rupestre. (...) Tais descrições foram realizadas por Charles-Marie de “La Condamine” na região da Amazônia na década de 1730”.SANTOS (2007, apud ALVES, 2011, p. 50). Mas foi somente com o dinamarquês Peter Lund e suas descobertas na Gruta da Lagoa Santa (MG), em 1834, que houve o despertar para os sítios Arqueológicos no Brasil. Alves (2011, p.51) afirma que:

As primeiras entidades brasileiras de pesquisas foram criadas por Dom Pedro II, durante seu reinado, todavia, somente em junho de 1961, por meio da Lei nº 3.924, o Brasil veio a ter uma legislação específica que se preocupasse com o patrimônio histórico e cultural, sendo essa lei aperfeiçoada mais tarde em agosto de 2000 com o Decreto nº 3.551.

Atualmente existem várias instituições no Brasil que se dedicam em cuidar e preservar o patrimônio histórico e cultural, como exemplo temos o IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, por meio do SGPA – Sistema de Gerenciamento do Patrimônio Arqueológico, que cataloga os Sítios Arqueológicos e que procura preservar esses ambientes históricos e frágeis.

Nos estados do sul do Brasil o número de sítios se apresenta de forma reduzida. A maioria se localiza na encosta do Planalto Meridional sul rio-grandense, no litoral e no Planalto de Lajes em Santa Catarina. (JORGE et al., 2007).

Jorge (et al., 2007, p. 146) afirma que uma provável explicação para o pequeno número de sítios arqueológicos na região sul se deve as características ambientais.E complementa:

A geologia do litoral é caracterizada por afloramentos de gnaisses e granitos, com ocorrências locais de diques de diabásio, enquanto no interior os grandes derrames basálticos que penetraram os arenitos metamorfizados constituem a maioria dos afloramentos. (...) nenhuma dessas rochas é propícia ao desenvolvimento de grandes cavidades naturais – grutas ou abrigos que favoreçam a preservação de eventuais grafismos.

Segundo o autor, esse tipo de geologia por apresentar poucas cavidades naturais, como grutas e abrigos, pode ter sido um dos motivos de ser encontrado no local poucas gravuras. Outra suposição seriam as condições climáticas de extrema umidade favorecendo a ação de microorganismos capazes de atacar figuras pintadas. Mas essas prováveis suposições necessitam de maiores evidências comprobatórias elementos que justifiquem a afirmação. Difícil precisar em se tratando de períodos distantes.

No litoral catarinense, Jorge (2007), afirma que desde meados do século XX, os arqueólogos que atuam na região têm divulgado gravuras rupestres encontradas em rochedos ao longo de todo o litoral meridional do estado. Comenta que os autores das gravuras procuraram rochedos expostos para o alto mar e que as ilhas eram preferidas ao continente para esse registro. “Hoje em Santa Catarina são conhecidos aproximadamente 40 locais com pinturas rupestres que podem ser reunidos em oito grupos, a partir das similaridades entre suas figuras”. (JORGE et al., 2007, p. 148). Com relação as temáticas o autor afirma que são pouco variadas, compostas quase exclusivamente de figuras geométricas. Os grafismos mais numerosos são formados por diferentes linhas: curvas, paralelas, verticais ou horizontais. Também aparecem círculos e outras formas geométricas.

No planalto catarinense também é possível encontrar pinturas evidenciando traços estilísticos diferenciados de acordo com cada sítio. Jorge (2007). Minas Gerais destaca-se no cenário arqueológico, pelos inúmeros sítios e abrigos arqueológicos. Sítios com sepultamento como os de Lagoa Santa onde foi encontrada Luzia⁶. Para Resende (2010, p.18)

Os sítios arqueológicos mineiros aquecem as discussões sobre a antiguidade do homem na América. Achados de fósseis não mongoloides de mais de 12 mil anos no Centro-Norte de Minas (região Central do Brasil) vão de encontro à “teoria clássica”, que só admitia a presença de seres humanos na América do Sul por volta de nove mil anos A. P.

Nas terras mineiras além das descobertas de fósseis humanos, há um grande número de sítios arqueológicos com pinturas e grafismos rupestres. As figurações Nordeste predominam no centro de Minas Gerais e, segundo Ribeiro (2006), aparecem também em gravura e pintura. A Tradição Nordeste, caracterizada no Piauí por Guidon(1975 e Pessis em1989; Pessis e Guidon, 2000, etc, apud, RIBEIRO em 2006, p. 93) é encontrada na região, a autora afirma que se, “caracteriza pela proporção em proporções equivalente, de antropomorformos e zoomorfos , com figurações menos frequentes de “objetos” e fitomorfos e, mais raro ainda de geométricos” Essa Tradição

⁶ Nome que recebeu do biólogo Walter Alves Neves o fóssil humano mais antigo encontrado nas Américas, com cerca de 11 mil e quinhentos anos e que reacendeu questionamentos acerca da teorias da origem do homem americano. Este crânio de uma mulher, com cerca de 11 mil anos, foi encontrado no início dos anos 70 pela missão arqueológica franco-brasileira, chefiada pela arqueóloga francesa Angnette Laming-Emperaire (1917-1977). O crânio foi achado em escavações na Lapa Vermelha, uma gruta na região de Pedro Leopoldo, na Região Metropolitana de Belo Horizonte, famosa pelos trabalhos do naturalista dinamarquês Peter Wilhelm Lund (1801-1880), que lá descobriu, entre 1835 e 1845, milhares de fósseis de animais extintos do período Pleistoceno - além de 31 crânios humanos em estado fóssil - no que passou a ser conhecido como o *Homem da Lagoa Santa*.

juntamente com a Agreste foi identificada no centro de Minas Gerais. No norte do estado ela é posterior a Tradição São Francisco. Ribeiro (2006).

No início da década de 1970, criou-se no estado de Goiás o Programa Arqueológico desenvolvido pela Universidade Católica de Goiás e pelo Instituto Anchietano de Pesquisas, vinculado à Universidade do Vale dos Sinos com o objetivo de produzir um amplo quadro cronoespacial das culturas pré-históricas do estado. O projeto pautou-se em pesquisas sistemáticas e embasadas em pressupostos metodológicos da escola histórico-culturalista estadunidense.

O projeto foi dividido em duas fases distintas, em determinadas regiões do estado. **Esse se voltou para a caracterização** de estilos, tradições, identificação e cronologia dos grafismos. Para Ribeiro (2006) A noção de estilo passa por processos dinâmicos não podendo ser enquadrado em uma única explanação quanto ao significado, já que devem ser considerados fenômenos culturais e cronológicos presentes nos sítios.

Em Goiás segundo Schimitz (1986), são atribuídas três das oito Tradições rupestres no país. E na região de Caiapônia (GO), foram identificados 42 sítios arqueológicos que formam um estilo próprio denominado de estilo “Caiapônia”. Os abrigos desse estilo são classificados como de fácil acesso, os grafismos, normalmente, se encontram protegidos de exposições à chuva e a conservação dos grafismos é em geral ruim.

Em outros municípios do estado de Goiás podem ser encontrados grafismos rupestres com predomínio da Tradição Nordeste. Geométricos e abstratos povoam os sítios dentre eles destaca-se a região de Serranópolis e Palestina de Goiás (GO). Também estados como o Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Pará, Tocantins e muitos outros, apresentam registros de sítios arqueológicos com pinturas e material lítico.

2.3.1. Representações Rupestres Serra da Capivara-Piauí: breve abordagem.

O Piauí, mais precisamente em São Raimundo Nonato, é a região que apresenta um grande acervo de grafismos rupestres já pesquisados. Santos (2007, apud ALVES, 2011, p. 51) afirma que:

Estudiosos e naturalistas no século XIX contribuíram para a descrição dos sítios rupestres, como Von Martins que descreve sítios na Bahia, Louis Jacques Brunet, a serviço do Imperador Dom Pedro II, “elaborou um memorial analítico sobre sítios rupestres, em especial aqueles localizados nas províncias da Paraíba e do Rio Grande do Norte” (SANTOS, 2007, p.13), no Ceará e em

Pernambuco J. Whitfiedi na década de 1870, na província do Sergipe, no ano de 1891, os relatos de Felisberto Freire (...) entre outros que contribuíam com suas descrições dos sítios rupestres no interior do Rio Grande do Norte e da Paraíba.

Foi somente na década de 1970 que se iniciaram os trabalhos científicos sistematizados na região Nordeste. Na região da Serra da Capivara – (PI), a existência de numerosos sítios arqueológicos, com pinturas rupestres ou resto de material lítico, levaram o local ao tombamento pela Unesco, transformado em Patrimônio Cultural Mundial. Atualmente estão cadastrados 406 sítios, dos quais 260 apresentam pinturas rupestres⁷. A arqueóloga, Dra. Niède Guidon foi a responsável pela criação do parque Nacional. Segundo Gabriela Martin (1997, apud ALVES, 2011, p. 52).

Se destacam no estudo e esforço de interpretação das gravuras e pinturas parentais no Nordeste brasileiro as Drs. Professoras Anne-Marie Pessis e Niède Guidon. A primeira procurou sistematizar o estudo dos grafismos rupestres nordestinos. Segundo Anne-Marie Pessis (1984, apud MARTIN, 1997, p.236), os grafismos rupestres não devem ser estudados separadamente, mas como um todo.

Niède Guidon (2000 apud ALVES, 2011), utilizou uma metodologia que foi separar os grafismos encontrados na Serra da Capivara em dois grandes horizontes culturais o que chamou de Tradição Nordeste, mais difundida entre os sítios rupestres nordestinos, e a Tradição Agreste, que se encontra principalmente no agreste pernambucano e paraibano, e suas respectivas sub-tradições e estilos que são identificados, principalmente, pela temática.

A Tradição Nordeste foi definida por Guidon (2000 apud ALVES, 2011), a partir dos sítios do Piauí, porém, também pode ser encontrada em Pernambuco, Rio Grande do Norte, Ceará e em parte da Bahia (PROUS, 1992). Caracterizada em geral por pinturas monocromáticas. No Piauí, apresenta significativa quantidade de gravuras, quase sempre associadas a sinais geométricos.

A Tradição Agreste também nomeada por Guidon (2000 apud ALVES, 2011), se encontra principalmente no agreste pernambucano e paraibano, e suas respectivas sub-tradições e estilos que são identificados, principalmente, pela temática. A Serra da Capivara (PI) pode ser considerada o epicentro de toda essa tradição, devido à grande concentração de pinturas como também pela evolução estilística, onde é possível

⁷ Fonte:FUMDHAM-Fundação museu do Homem Americano. Parque Nacional da Capivara. São Raimundo Nonato. PI: Typelaser Desenvolvimento editorial Ltda. 1998.

perceber a possibilidade de uma grande imigração por diferentes grupos. Salienta-se que a discussão sobre a representação da Serra da Capivara se estendeu por haver proximidade com a área em estudo.

2.3.2. Representações Rupestres na Bahia

Na Bahia há um grande acervo acerca de vestígios arqueológicos de grafismos rupestres, seja em quantidade como em variedade. No Estado, as representações rupestres, ou pinturas rupestres pré-coloniais, são conhecidas desde o período colonial, no Arquivo Histórico Ultramarino, Etchevarne (1999-2000, apud COMERLATO, 2007), afirma ter encontrado um documento do período, que menciona locais com pinturas rupestres encontradas durante viagem realizada no interior do estado.

Na Serra do Anastácio Von Spix e von Martius, na primeira metade do século XIX, relataram ter encontrado, “séries de desenho primitivos, grosseiros e esquisitos”, (apud, COMERLATO, 2007, p.1), mas sem qualquer explicação do que poderiam representar os desenhos. Ainda no século XIX, o engenheiro Theodoro Sampaio citado nas pesquisas de Carlos Ott (1958, apud Comerlato, 2007), afirma ter reconhecido desenhos encontrados nas margens do rio Paraguaçu (BA).

Foi somente a partir da década de 1960 é que as representações rupestres na Bahia foram analisadas e registradas numa perspectiva científica. Para Costa (2005), Valentin Calderón foi o precursor em pesquisas nessa área. Registrou mais de 50 sítios de representações no estado, conforme registros existentes no MAE/UFBA⁸, nas regiões de Ituaçu, Serra Solta e Morro do Chapéu (BA), que buscou classificar como sendo Tradições: Realista e Simbolista.

Em 1970, o “Projeto Sobradinho de Salvamento Arqueológico”, financiado pela Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF), realizado na área da cota de inundação do lago da barragem de Sobradinho, numa área de 300 km foi identificado 28 sítios. Embora o relatório da pesquisa segundo Costa (2005, p.61) leva o nome de Calderón, mas afirma “que as atividades de campo pouco tiveram a sua participação (...), a ele coube a coordenação distante (...) a execução e responsabilidade ficaram a cabo de Yara Ataíde e Ivan Dórea”.

⁸ MAE - Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia

Nos anos de 1980, o Projeto Itaparica de Salvamento Arqueológico (Costa, 2005), cobriu a área de inundação da barragem de Itaparica, entre a Bahia e Pernambuco e foi financiado pela CHESF⁹. Por ser interestadual foi dividido em duas equipes, no lado baiano e os estudos pela Universidade Federal da Bahia e a coordenação de Pedro Agostinho e abrangeu os municípios de Chorrocho, Glória e Rodelas, onde foram localizados pouco mais de 200 sítios, dentre os quais 15 de representação rupestre. Os estudos na margem pernambucana ficaram sob a responsabilidade da Universidade Federal de Pernambuco, que tiveram a coordenação de Gabriela Martín.

Ainda na década de 1980, os trabalhos da professora Dra. Maria Conceição Beltrão do Museu Nacional do Rio de Janeiro iniciou os estudos sobre arte rupestre na região de Central – BA. Realizou escavações e levantamentos de dados sobre o material encontrado.

Seus estudos nos sítios rupestres têm associado os grafismos a eventos celestes (cometas, lua, sol e estrelas, identificando calendários lunares, etc.), vinculando-os tematicamente àquilo que chamou de “Tradição astronômica”, bem como associando a confecção de algumas pinturas ao uso de substâncias alucinógenas, mais especificamente àquelas que chamou de “Tradição geométrica”. (COSTA, 2005, p. 66).

A região compreende principalmente a Chapada Diamantina (serras quartzíticas e Planície Calcária) e engloba as regiões de Piemontês da Diamantina (Município de Morro do Chapéu) e de Irecê (Municípios de América Dourada, Cafarnaum, Central, Gentio do Ouro, Irecê, Itaguaçu da Bahia, Juçara, Uibaí e Xique-Xique), além do Oeste (Angical, Barreiras, Luiz Eduardo Magalhães e São Desidério) e o Município de Palmas (sul da Bahia). Abrange uma área de 270.000 km². Onde são encontrados artefatos, de cerâmica e materiais líticos, esqueletos humanos entre outros e podem ser encontrados os sítios:

Toca de Búzios, Toca de Manuel Latão, Abrigo da Lesma, Abrigo do Pilão e Toca do Cosmos foram escavados e ofereceram datações que associam as pinturas rupestres ao período pré-cerâmico, este último sítio destaca-se por suas pinturas obtendo-se a datação de 3200 A.P. em seu nível mais profundo (CORMELATO, 2007, p. 01).

Segundo Costa (2005), as pesquisas e estudos atuais apontam para vários locais tanto no estado baiano quanto fora dele, como no sudeste e leste de Goiás, quando Pedro Ignácio Schmitz, diretor do Instituto Anchieta de Pesquisas da

⁹Companhia Hidrelétrica do São Francisco.

Universidade do Vale dos Sinos, então coordenador do “Projeto Serra Geral”, localizou próximo ao Rio São Francisco 10 sítios contendo pinturas rupestres que as filiou a Tradição São Francisco a partir dos minuciosos estudos realizados nos painéis encontrados e escavados na localidade.

A reestruturação do Laboratório de Arqueologia do MAE/UFBA e do Laboratório de Arqueologia do Departamento de Antropologia e Etnologia da FFCH/UFBA possibilitou estudos e descobertas específicas de sítios rupestres obtendo-se os seguintes dados:

Dos 183 sítios de representação rupestre registrados na Bahia, 171 são de pinturas, quatro são de pinturas e gravuras, cinco são de gravuras e três não identificados. Estes sítios de arte rupestre são encontrados nas regiões oeste (margens do rio São Francisco), nordeste, sudoeste e Chapada Diamantina. Estes dados são do cadastro do IPHAN, que atualmente está sendo revisado e complementado com o registro de novos sítios. (COMERLATO, 2007, p.2).

Recentemente, segundo Costa (2005) muitos sítios vem sendo descobertos e estudados, no norte do estado, professor da Universidade Federal do Vale do São Francisco e pesquisador da Fundação Museu do Homem Americano, Celito Kesting, “estudou 31 sítios existentes no Boqueirão do Riacho de São Gonçalo, no município de Sento Sé, situado em parte do território que definiu como “Área arqueológica de Sobradinho” (COSTA, 2005, p.67).

A partir desses estudos de reconhecimento de perfis gráficos, o pesquisador busca estabelecer rotas de influência dos grupos pré-coloniais e prováveis relações aos sítios pleistocênicos. Cláudia Cunha Kachimareck, com os próprios recursos, mas, com o apoio institucional do Laboratório de Arqueologia e do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia, tem registrado sítios Morro de Chapéu e Oliveira dos Brejinhos (BA), dentre outros (COSTA, 2005).

A Universidade do Estado da Bahia através de Carlos Etchevarne contribui para que novos sítios sejam descobertos e catalogados. Os estudos publicados são evidências de que muito se tem pesquisado. Mas, como o território baiano é extenso e o número de projetos ainda é reduzido, é necessário maior investimento para que avancem também para os municípios do oeste baiano.

2.4. Tradições no Sul do País

A Tradição Meridional é encontrada segundo Gaspar (2006 e VAZ, 2005, apud Péclat, 2011, p.40), que pode ser:

Em regiões do sul do Brasil e nos países da fronteira. As São gravuras incisas ou polidas em blocos isolados ou em abrigos e grutas. São geralmente formadas por traços retos paralelos ou cruzados e as vezes curvos, alguns são denominados “tridáctilos”, contendo a combinação de três traços partindo de um vértice.

Caracteriza-se por gravuras geométricas lineares não-figurativas. A maior parte das “sinalizações encontram-se em blocos isolados (11 casos), havendo somente em seis abrigos, e quatro em parede de tipo não especificado, provavelmente abruptas”. (PROUS, 1991, p. 511). Nessa tradição, segundo Prous (1991), pode ser incluído um tema o “tridáctilo”¹⁰, típico dos estilos pampeanos da Argentina.

No estado do Paraná podem ser encontradas as Tradições, Geométrica e Planalto. A Tradição Planalto para Prous (1989, apud PARELLADA, 2009), apresenta grafismos geralmente em vermelho e marrom, e recentemente também foram encontrados em preto ou amarelo. Normalmente aparecem nas representações animais, figuras humanas sinais geométricos e motivos emblemáticos. Na geométrica, segundo Péclat (2011), caracteriza-se por formas geométricas. Em Santa Catarina, segundo Comerlato (2005, p.2),

Apesar das análises anteriores, o termo “tradição”, seguindo a classificação do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), só foi utilizado para as gravuras do litoral catarinense posteriormente, sendo denominada de “Tradição Litorânea Catarinense”.

A Tradição Litorânea Catarinense localiza-se em ilhas na costa catarinense, os registros voltam-se para o mar e representam sulcos, círculos concêntricos ou não, formas humanas, triângulos e pontos. Segundo Prous (1991, p. 513), os sítios dessa tradição são os únicos até agora conhecidos no litoral brasileiro e seus

painéis, todos gravados e de acesso difícil, por vezes perigoso, estão localizados exclusivamente em ilhas, até 15 quilômetros distantes do continente e se orientam para o alto – mar. Nem todas as ilhas do litoral centro-catarinense foram decoradas, somente algumas separadas por distâncias de 20 a 25 km.

¹⁰ Figuras geométricas, abstratas feitas com traços curvos. (PROUS, 1991).

As gravações, polidas no granito, podem apresentar até três centímetros de profundidade. Demonstrem desgastes devido ao intemperismo marítimo. Prous (1991, p. 513) afirma que determinou a existência de “14 temas somente, dos quais dois biomorfos(...) muito pouco representados e bem geométricos, e doze tipos puramente geométricos”. Alguns desses tipos privativos das ilhas meridionais, outros das ilhas setentrionais. Para o autor essa tradição não pode ser comparada com nenhum outro conjunto conhecido, fato que pode ser somente criação local.

2.5. Tradições no Brasil Central e Nordeste

2.5.1. Tradição Nordeste

É definida por Guidon (1975) e Pessis (1989; Pessis e Guidon, 2000, apud RIBEIRO, 2006) a partir dos sítios do Piauí, porém, também é encontrada em Pernambuco, Rio Grande do Norte, Ceará, no Mato Grosso, Goiás e em parte da Bahia. Caracteriza-se pela representação de figuras “antropomorfas e zoomorfas de pequenas dimensões representam cenas de captura de animais (veados e emas), coletas, lutas (ritualísticas ou de real beligerância) etc. com detalhes de instrumentos ou vestimentas”. (ETCHAVARNE 2011, p.32) Em Minas Gerais, essa tradição encontra-se entre as mais recentes representações. Segundo Ribeiro (2006), as pinturas são posteriores à da Tradição planalto. No norte do estado é posterior a Tradição São Francisco.

Diferencia-se da Planalto pela “abundância de antropomorfos agrupados e formando animadas cenas de caça, dança, guerras, rituais”. (PROUS, 1991, p. 512) Também apresenta zoomorfos como emas, cervídeos e pequenos quadrúpedes.

Até o momento, as evidências apontam o sudeste do Piauí como o centro dessa tradição. Todavia, mais três áreas de expansão podem ser admitidas: a Chapada Diamantina e a área de Central, na depressão do Rio São Francisco, no estado da Bahia, e a região do Seridó, no estado de Rio Grande do Norte, de onde posteriormente se expandiu em direção ao estado da Paraíba (MARTIN, 1997). Essa tradição foi também identificada no sopé dos Andes, terras baixas da Bolívia, Peru e Colômbia.

2.5.2. Tradição Agreste

Foi definida a partir dos sítios de Pernambuco e Piauí. São registros rupestres em dimensões maiores que a Tradição Nordeste, com técnica gráfica e riqueza temática inferior aos da Tradição Nordeste. Na maioria das vezes representa seres estáticos ou com pouco movimento. Os antropomorfos apresentam-se isolados ou acompanhados de grafismos reconhecíveis.

Para Ribeiro (2006, p.87) “Suas principais características estão no tamanho avantajado das representações de seres vivos (antropomorfas e zoomorfas)”. Essas figuras podem aparecer isoladas ou acompanhadas por outras menores. Nessa tradição as representações costumam aparecer salientando detalhes anatômicos, como parte de joelhos, pés mãos etc.

Segundo Prous (1991, p. 525), “vários estilos foram isolados na tradição Agreste, como o chamado ‘Cariris Velho’ (PE), caracterizado por mãos em positivo na parte superior de painéis”. O geométrico elaborado com carimbos e grandes figuras geométricas. Prous (1991) acredita que essa tradição apresenta uma mistura das tradições Nordeste e São Francisco, pintados em épocas diferentes.

2.5.3. Tradição São Francisco

Representada no vale do rio São Francisco em Minas Gerais, Bahia, Sergipe, Goiás e Mato Grosso. Os grafismos se apresentam em formas geométricas, mas há também representações humanas e de animais.

Suas manifestações ocorrem apenas em pinturas e são Caracterizadas pela predominância de figuras geométricas (que podem chegar a 80 cm de comprimento) com formas e composições variadas e frequentemente policrômicas, em cores contrastantes. Os cartuchos (figuras ovais alongadas) representam uma parcela significativa dos grafismos representados aparecendo em todos os sítios onde ocorre essa tradição. Isnardis(2004, apud RIBEIRO, 2006, p. 88).

Também em alguns sítios podem ser encontrados desenhos de armas, propulsores, também grafismos biomorfos e antropomorfos. Aparecem figuras como lagartos, peixes, etc. Segundo Ribeiro (2006) os locais escolhidos geralmente são lisos, iluminados e amplos.

Em pesquisa realizada no “Vale do Peruaçu e Moltavânia” (MG) Ribeiro (2006) elaborou um quadro cronoestilístico baseado nos estudos de Isnardis (2004, apud

RIBEIRO, 2006) , e na proposta de classificação original de Prous(1989, 1992, 1994, 1996-97) em três estilos, para classificar os grafismos encontrados nos sítios daquela região. Dividindo-os em Estilo Sanfranciscano1; Estilo Sanfranciscano2 e Estilo Sanfranciscano3, (SF1; SF2 e SF3).

2.5.3.1. Estilo Sanfranciscano 1 – SF1

Nesse estilo os abrigos estão geralmente perto de cursos de água, e podem localizar-se tanto nas encostas quanto no topo de serras. O piso pode ser rochoso e irregular ou sedimentar regular. Os suportes quase sempre visíveis, amplos e regulares. Localizados próximo de rios. No “Vale do Peruaçu “os painéis foram elaborados em suporte amplos, verticais e iluminados” Isnadis (2004, apud RIBEIRO, 2006, p. 198). As pinturas e gravuras nesse estilo apresentam tamanhos ente 15 e 50 cm, podem ser encontradas em monocromia: preto, vermelho, laranja, amarelo e raramente em branco. Em biocromia: vermelho e amarelo. As tintas utilizadas são de modo geral homogêneas e espessas. Algumas figuras podem ser traçadas com dedos, ou outro artefato que se pareça com pincel. Aparecem círculos, anéis, conjuntos de pontos, triângulos e outras formas geométricas, bastonetes, grades, pentes, ziguezagues. Os “grafismos figurativos são raros e correspondem principalmente a seres antropomorfos esquemáticos, com ocorrência de sauros e peixes”. (RIBEIRO, 2006, p. 198).

2.5.3.2. Estilo Sanfranciscano 2 – SF2

A topografia se assemelha ao SF1, mas segundo a autora acima, em “Montalvânia” (MG), área onde realizou a pesquisa, esse estilo aparece sítios várias posições topográficas. Os suportes utilizados são verticais regulares seguidos por tetos regulares ou compartimentos que apresentam estalactites e colunas. Os painéis apresentam figuras bicromáticas (preenchimento em amarelo e contorno em vermelho) O preto é raro. Traços grossos do tamanho do indicador são percebidos.

Os grafismos por um emaranhado de linhas curvas; cartuchos, grafismos apresentando formas geométricas variadas acompanhadas por seres antropomorfos esquemáticos, parecem compor um jogo gráfico que envolve figuras desenhadas isoladamente; dispostas uma ao lado da outra com seus troncos ligados por uma ou duas barras transversais e, novamente, uma figura isolada, com uma ou duas barras em seu tronco.(RIBEIRO, 2006, p. 200).

Os temas do SF1 são mantidos, mas introduzidos outros mais elaborados, como redes e grades. Os grafismos geométricos são acompanhados por seres antropomorfos esquemáticos, muitas vezes unidos por braços e pernas. Peixes e pés aparecem, figuras desenhadas isoladamente, 'sóis', bicrômicos, luas em coloridos arranjos e, que incluem linhas sinuosas grades e pentes, entre outros.

2.5.3.3. Estilo Sanfranciscano 3 – SF3

Difere do anterior a qual Prous (1989, apud, RIBEIRO, 2006), denominou de *estilo Rezar*, compõe-se de figuras vistosas geralmente bicrômicas (branco, preto, amarelo e vermelho). Maior ampliação temática, retoques e incorporação de grafismos mais antigos. Comum a presença de formas geométricas elaboradas.

Os estilos nomeados pelos autores oportunizaram uma descrição detalhada das diferentes tradições encontradas não somente em território nacional, como em outros países. A partir da discussão supõe-se que na região de São Desidério os estilos Sanfranciscanos, principalmente o (SF1), podem ser os mais apropriados por exemplificar melhor às inscrições encontradas no local.

2.5.4. Tradição Planalto

Encontrada em sítios do Planalto Central brasileiro, do Paraná a Bahia sobressaindo-se na região de Minas Gerais. Segundo Prous (1991), a quase totalidade dos sítios apresenta grafismos pintados, geralmente são representados na cor vermelha, mas podem aparecer em preto, o amarelo e, raramente, o branco. As representações são em motivos zoomorfos, antropomorfos e geométricas. As figuras em destaque são sempre zoomorfos monocromáticos, "cuja frequência pode ser muito alta, sendo raramente inferior à dos sinais geométricos; aparecem antropomorfos também monocromáticos, em pequena quantidade (...) entre os animais, os quadrúpedes são os mais representados, particularmente os cervídeos". Também podem ser percebidos em certas regiões peixes ou pássaros. Segundo Prous (1991) em Lagoa Santa (MG) e na Serra do Cipó (MG), aparece quadrúpede Flechado, e representação de cópula. Prous (1991) cita as figuras do alto Jequitinhonha ou serra do Cabral por apresentar alto valor estético.

2.5.5. Tradição geométrica

É encontrada de sul a nordeste do Brasil, nos estados de Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Goiás e Mato Grosso. “Caracteriza-se exclusivamente por gravuras geométricas inexistindo quase completamente representações figurativas”. (PROUS, 1991, p. 515) Subdividida por Prous em duas categorias: Setentrional e Meridional. A primeira é encontrada em sítios bem próximos a rios ou cachoeiras, aproveitam o afloramento de rochas duras. Muitas das gravações se apresentam em blocos submersos pelas enchentes. “As gravuras são frequentemente polidas, e nota-se a grande predominância dos cupuliformes¹¹”.

A meridional é encontrada longe do acesso das enchentes, o tema dominante é o tridáctilo¹². No estado de São Paulo são comuns as pegadas, seja de aves ou animais.

2.5.6. Tradição Amazônica

Segundo Prous (1991), os sítios rupestres amazônicos são conhecidos por publicações de viajantes do século XIX. Mas, conforme afirma o autor devido à abrangência territorial fica difícil definir as tradições. Cita o estado de Roraima, “por apresentar pinturas caracterizadas pela quase exclusividade de retas pintadas paralelas ou formando retângulos preenchidos com traços também retos”. (PROUS, 1991, p. 528). Outra tradição apresenta-se às margens dos rios Cuminá, Puri e Negro. Caracteriza-se por antropomorfos simétricos e geometrizados. A arte rupestre amazônica apresenta poucos registros sistematizados devido à abrangência regional (ROSA, 2006).

2.5.7. Tradução Aratu – Cerâmica

No estado da Bahia dentre as tradições elencadas acima, a Tradição de Aratu foi encontrada no oeste baiano. A identificação dessa tradição ocorreu através dos recipientes funerários ou urnas cerâmicas. Comerlato (2008, apud ETCHEVARNE, 2011, p. 38) afirma:

¹¹ Depressões hemisféricas ou em calota de esfera.

¹² Figuras geométricas, abstratas feitas com traços curvos. (PROUS, 1991).

O fato de se encontrarem urnas Aratu desde o litoral até o cerrado, incluindo áreas de caatinga, não aponta para uma distribuição territorial ampla de um grupo somente, antes se refere a um aspecto comum de grupos culturalmente diferentes. O padrão de urnas Aratu consiste na repetição de recipientes com morfologia cônica ou periforme, com base estreita e arredondada e com o corpo que se abre até a circunferência máxima situada próxima à abertura. Esta morfologia se repete em enterramentos de indivíduos de qualquer idade, adultos, jovens crianças e recém-nascidos, não importa a área geográfica em que foram encontradas.

O autor afirma que na região de Barreiras e São Desidério, oeste baiano, as urnas encontradas apresentam algumas diferenças como uma linha incisiva na abertura. As representações rupestres são compostas por características que podem variar de acordo com as diferenças regionais, discussões levantadas pelos diferentes estilos e tradições brasileiras.

2.6. Estilo de Arte rupestre no Brasil

2.6.1. Análise Cronoestilística

No Brasil os ordenamentos cronoestilísticos ainda são condições necessárias para conhecer a arte rupestre brasileira, como os recursos tecnológicos disponíveis. Silva (2002) afirma que para realizar análise cronoestilística associada a análises tecnológicas, como datações diretas e análise de pigmentos, o grande problema que poderá ocorrer é o “desconhecimento do potencial arqueológico e a necessidade de análises comparativas entre as diferentes regiões do país”(SILVA, 2002, p.32).

A tradição foi caracterizada por Prous (1992, apud SILVA, 2002, p.32) “como a categoria mais abrangente, implicando certa permanência de traços distintos, em geral temáticos”. O conceito de estilo remete a critérios técnicos e tem conotação cronológica. Outros associados a variações locais e desassociando à ideia de cronologia são da fase PRONAPA. A expressão Unidade Estilística foi introduzida posteriormente.

Para compreensão e posterior análise dos grafismos é necessário o conhecimento das condições ecológicas, materiais e culturais inerentes a produção desses, para que os conceitos de tradição, estilos e variedade sejam efetivamente utilizados. Para Silva (2002) a associação de registros rupestres aos demais vestígios encontrados nos sedimentos, facilita a correspondência entre os pisos de ocupação e a decoração dos paredões.

Sobre a pintura Silva (2002, p. 32) afirma ser possível em determinadas situações, a correspondência entre a distribuição de pigmentos coletados com a preparação das tintas e o uso destas nos paredões. “Se contextualizados arqueologicamente, a identificação de refugo do processamento de pigmentos e a de artefatos utilizados no preparo ou aplicação de tintas (...) também pode colaborar na atribuição cultural dos grafismos rupestres.” As possibilidades atuais de datação para as pinturas tem sido um recurso para confirmação cronológica aos demais vestígios coletados nas escavações. O problema enfrentado é quanto à contextualização das representações rupestres, pois vão além da questão cronológica.

Silva (2002) afirma que nas análises interpretativas são os pesquisadores que atribuem significados aos registros arqueológicos com empréstimos de recursos de teóricos. E para maior entendimento, pesquisadores procuram incorporar alguns recursos para compreensão dos grafismos rupestres como a classificação dos conjuntos gráficos em tradições e sub-tradições.

3. REGIÃO OESTE BAIANA

Para iniciar a discussão sobre a arte rupestre nos sítios de São Desidério, localizados na região oeste baiana, a priori, optamos em contextualizar resumidamente a ocupação na área denominada de Vale do São Francisco, da qual se insere a região em estudo. Para essa discussão buscou-se o aporte teórico de Gustavo Falcón (2012), no texto “Panorama Cultural da Bahia. Panorama Cultural Contemporâneo Regiões Socioculturais: Oeste/ Velho Chico – divisão municipal e principais cidades”..A obra dialoga com diferentes autores e relata alguns fatos que ocorreram a partir da ocupação.

A região conhecida hoje como “Oeste”, já foi chamada de “Além São Francisco” pela distância que fica da capital da Bahia e pela proximidade com Rio São Francisco. Entre 1964 e 1970, segundo Falcón (2012), a região passou por dificuldades devido à desorganização do sistema fluvial e a desativação do aeroporto na cidade de Barreiras, já que a maioria dos produtos de consumo vinha de fora. O Programa de Desenvolvimento dos Cerrados (PRODECER), em 1985, reintegrou novamente a região, incentivando novos investimentos. A partir dos anos de 1980 houve uma redescoberta do território baiano, tanto pelos próprios baianos, como por imigrantes oriundos de vários estados brasileiros principalmente o sul e sudeste.

Os primeiros habitantes da região, segundo Falcón (2012) foram grupos indígenas que utilizaram os recursos hídricos principalmente do Rio São Francisco para sua subsistência.

(...) nas margens deste rio e nas suas numerosas ilhas, era possível uma subsistência mais farta, combinando a psicossidade das águas com a fertilidade do solo, apto para a horticultura e com uma mata ciliar composta, entre outras espécies, de grandes árvores frutíferas. Etchevarne (2006, apud FALCÓN, 2012, p. 312).

Prous (1992) analisou as pinturas produzidas por esses habitantes, nomeando a sua produção pictórica em Tradição São Francisco ou Franciscana. Tradições conceituadas anteriormente. Pierson (1972, apud FALCÓN, 2012), afirma que provavelmente os Tupis e os GÊ, estão entre os grupos que habitaram o Vale do São Francisco, mais precisamente na margem direita. Também Gabriel Soares de Souza (1587, apud FALCÓN 2012, p. 313), “identificou os grupos indígenas: Caetés na margem esquerda, Tupinambás na margem direita, e acima destes os Tupinaê, Amoipira e Ubirajara”.

Nimuendaju (1981, apud FALCÓN, 2012:313) Identificou dezenas de grupos, mas três em especial teriam habitado o Vale:

Os Schacriabá, entre os tributários Paracatu e Urucuaia, (XVIII) e no alto Preto, afluente do Rio Grande em 1818; os Acroá, no trecho do alto do Rio Corrente (XVII), com outro grupo perto do Rio Grande, e os Aricobé, perto do tributário do Rio Grande, em 1744, e nas cabeceiras do Rio Preto, afluente do Rio Grande (sem datação). Mais quatro grupos foram identificados mais ou menos distanciados da área do território do oeste: Tabajara, Tupiná, Ocren e Sacragrinha. Das corredeiras para frente dezenas de outros grupos.

Desses grupos indígenas, na região só subsistiram os Aricobés. Hildete da Costa Dorea em 1988 (apud FALCÓN, 2012, p. 313), após analisar documentos da Diretoria Geral dos Índios, Identificou em Alta Vereda do Sertão, no Município de Angical, localizado cerca de 50 quilômetros da cidade de Barreiras¹³, que faz divisa, com o município de São Desidério. Afirma que os grupos indígenas desta localidade teriam sofrido maus tratos em contato com o homem branco, ocasionando uma regressão no processo interativo. “E que na década de 1930 teriam sofrido um massacre que ficou conhecido como a ‘Chacina dos Aricobés’. Massacre ocasionado a princípio, pela busca de pedras preciosas, ouro e prata e depois, pela onda de submissão dos indígenas”. Falcón (2012, p. 313).

O Vale Sanfranciscano, sofreu disputas constantes pelo domínio territorial, em decorrência, muitos grupos foram extintos ou miscigenadas pelas pessoas que chegaram e adquiriram propriedades. Alguns se tornaram proprietários de terras. Essa mistura gerou uma nova raça, a mameluca local. “Gente de sangue no olho, pele brônzea, olhos oblíquos, quase sem mescla de sangue africano, tipo racial característico, que formou a base local”. Lins, (1983, apud FALCÓN, 2012, p. 314).

Esses grupos indígenas foram constantemente perseguidos por bandeirantes paulistas e nortistas como consequência, boa parte foi escravizada, o restante se rebelou partindo para a luta, muitos para a morte, ou no confinamento em aldeias religiosas, rendendo-se à submissão cultural. Os grupos Sanfranciscanos afirma Falcón (2012), possuíam a característica da luta, resistência e determinação para a guerra, exemplificado, no caso do bispo Dom Pedro Fernandes Sardinha devorado pela tribo dos Caetés em 1556, próximo à foz do Rio São Francisco. Esse episódio resultou na criação de uma lei chamada “Preia” que legalizou a escravidão dos Caetés.

¹³ Maior cidade da região oeste baiana

Para Falcón (2012), Américo Vespúcio, navegador italiano, foi o primeiro homem branco a visitar o São Francisco em 1501, mas somente a partir de 1550, quarenta e nove anos depois da sua chegada, é que o imenso território começou a ser desbravado. Com as “entradas”, inicia-se o processo escravocrata, obtenção de mão - de - obra para os trabalhos nos engenhos de cana - de - açúcar, estratificação de minerais, entre outros.

As entradas no Vale partiram de três frentes: de Pernambuco, Olinda e Recife, chegaram em número reduzido de exploradores. Da Bahia, mais ao sul e a oeste, que a princípio, a margem esquerda não pertencia a Bahia. E de São Vicente, Santos e São Paulo. Basílio de Magalhães (1935, apud FALCÓN, 2012) afirmou que os motivos para exploração eram diversificados. Incluía desde a ânsia pelo poder, segurança e prestígio, à riqueza, tal era a ganância pelos metais como o ouro e a prata. Essa exploração que nem sempre era passiva resultou no enfrentamento corporal e na disseminação de etnias inteiras que habitavam a região.

A partir do século XVII, afirma Falcón (2012), que as expedições oriundas de Salvador e Recôncavo saíram em direção ao sertão, conquistando terras, iniciando-se o que foi denominado de “patas do boi”, implantação dos currais, ou criação de gado nas terras pertencentes às etnias indígenas. Registrou que João Amaro Maciel Parente, abriu caminho da costa sul da Bahia até o São Francisco, dizimando na extensão os grupos indígenas ali existentes. Como pagamento recebeu terras na região, onde estabeleceu uma vila. Também Francisco Dias D’Ávila em 1962, famoso latifundiário da Bahia colonial, por ordem do governador-geral, exterminou os grupos Acroás, que habitaram o oeste baiano, em troca de algumas centenas léguas de terras.

D’Ávila levou na expedição um grande número de integrantes entre eles missionários, mamelucos, grupos indígenas dóceis e passivos e homens de seu regimento. “As consequências para os Acroás e Shacriabás, que habitavam as margens do Rio Grande (oeste baiano), foram funestas”. (FALCÓN, 2012: 317). Esse combate resultou a sesmaria da bacia do Rio Grande, que deu origem a atual cidade da Barra. Dias D’Ávila, ficou conhecido como o mais sanguinário exterminador de indígenas do Vale. Ocasinou o desaparecimento dos grupos como: os Rodelas, os Anaiós, e muitas outras comunidades às margens do São Francisco. As práticas desses atos o tornaram um grande latifundiário. Plantou curais termo utilizado para retratar a criação de gado.

Wilson Lins (1983, apud FALCÓN, 2012, p. 318) relata:

(...) Por causa da tão propalada falta de braços para a lavoura (...) generalizou-se a caça ao silvícola, comandada quase sempre pelos governadores. (...) Como os padres se opunham à caça aos índios, postulando a sua conversão, os empreiteiros das expedições faziam crer que as tribos sanfranciscanas eram ferocíssimas. A gente de Pernambuco e Bahia, a quem se deve realmente a conquista do São Francisco, inicialmente agiu como horda inimiga, arrasando o silvícola. Alegando tratar-se de seres muito ferozes, procuravam obter a tolerância dos padres para as suas entradas, cujo objetivo era mais o apresamento de escravos(...) do que o aprisionamento.

A conquista da região São Francisco foi violenta, para antropólogos e historiadores, pode-se dizer que foi genocida e etnocida. Com a dizimação dos indígenas e o eminente desenvolvimento que se vislumbrava, a solução foi à importação de escravos. Transformando-se numa prática vantajosa. Mas os constantes maus-tratos sofridos pelos negros que não se submetiam as vontades dos capitães do mato resultaram em fuga para o sertão inóspito. Formando-se assim os calhambola ou quilombolas.

Lins (1983, apud FALCON, 2012) não considera um volume muito grande de negros na região, principalmente referindo-se ao trabalho. Já Doria e Carvalho, (1996 – 1995, apud FALCON, 2012) afirmam ter havido uma presença significativa em atividades tipicamente realizadas pelos brancos, como é o caso da pecuária. Na região de Itaberaba e Bom Jesus da Lapa evidencia-se que a influência negra foi grande devido à diversidade cultural existente até hoje.

No início do século XIX, no município de Angical, um grande número de famílias utilizou a mão de obra escravocrata. Dentre elas destacam-se as famílias Almeida e Afonso Machado, tradicionais, desbravaram a região às margens do Rio Grande, abrindo lavouras produzindo cereais e fabricando rapaduras que eram vendidas em cidades baianas e em outros estados.

A região oeste baiana a partir dos anos de 1970 foi marcada por um amplo desenvolvimento, transformando-se numa área de grande importância econômica a partir da pecuária, produção de grãos e fruticultura. Pessoas oriundas de vários estados brasileiros chegaram à região configurando-se num vigoroso movimento populacional intrarregional e inter-regional. (EMBRAPA, 2010). Os recursos naturais: solos planos e de fácil mecanização, temperaturas amenas, incentivo governamental e fluxos de capitais privados, foram determinantes para o desenvolvimento regional. (EMBRAPA, 2010). A região oeste é composta por 23 municípios e possui em sua disponibilidade mais de 1,5 milhões de hectares de terras planas, conforme mostra a Figura 1.

Dentre os municípios o destaque em termos de desenvolvimento populacional é Barreiras, o censo de 2010 registrou uma população de 130.620 mil habitantes. Luis Eduardo Magalhães ocupa o segundo lugar devido ao agronegócio. São Desidério é dos maiores municípios em extensão territorial. Apresenta um manancial hídrico privilegiado, que vem sendo explorado pelo turismo. Inúmeros sítios arqueológicos compõem o panorama do município, alguns ainda desconhecidos pela falta de estudos na região principalmente em São Desidério, Costa (2005, p. 66) afirma que:

Tendo em vista as dimensões do estado da Bahia, poucos são os estudos realizados com representações rupestres, de maneira a permitir construir perfis gráficos (...). Dentre os principais trabalhos realizados, no município de Central e regiões circunvizinhas no oeste baiano, uma equipe coordenada por Maria Beltrão, professora da Universidade Federal do Rio de Janeiro e arqueóloga do Museu Nacional, tem atuado desde 1984 de maneira quase contínua, realizando levantamentos e escavações em sítios arqueológicos.



Figura 1 - Mapa dos municípios que integram a região oeste baiana
Fonte – AIBA

Estudos se realizam anualmente na busca de novos sítios e representações rupestres. Na Bahia a Universidade do Estado do Bahia (UFBA), através de Carlos Etchevarne, Rita Pimentel, Carlos Costa, entre outros, tem publicado inúmeras pesquisas realizadas sobre os sítios arqueológicos no estado da Bahia.

3.1. Arte Rupestre nos Sítios Morro do Sol e Pedras Brilhantes no Município de São Desidério– Bahia

A discussão sobre arte rupestre presente nos sítios Morro do Sol e Pedras Brilhantes ou Morro dos Tapuias a seguir, se processará a partir das fotografias produzidas no local e fundamentadas em aportes teóricos dos autores discutidos no presente trabalho.

3.2. Área de Estudo - Método e Metodologia

A pesquisa foi realizada nos sítios arqueológicos, “Morro do Sol” e “Pedras Brilhantes ou Morro dos Tapuias”, localizados na cidade de São Desidério no Estado da Bahia. O sítio Morro do Sol compõe-se de um paredão situado no alto de uma encosta, enquanto que o das Pedras Brilhantes ou Morro dos Tapuias constitui-se de um abrigo principal com teto amplo situado em cima de uma pequena serra. A pesquisa se processou com o objetivo de descrever os grafismos rupestres encontrados nos locais. A metodologia utilizada foi a análise descritiva das imagens produzidas no local. A princípio analisou-se as representações parietais presentes em cada sítio, com ênfase na tipologia, estilos e tradições, considerando as possíveis semelhanças e diferenças encontradas a partir dos aportes teóricos de Ribeiro (2006) ; Oliveira (2006); Prous (2006); Costa (2005) ; Etchevarne (2011); Comerlato (2007), entre outros. Ao final se estabeleceu a comparação estilísticas dos grafismos encontrados em cada sítio. A fotografia produzida no local serviu como instrumento para a realização da pesquisa. Sobre a utilização da fotografia em pesquisa, Comerlato (2007, p. 04) afirma:

Atualmente, nos levantamentos de representações rupestres a fotografia tem obtido maior destaque como ferramenta de registro e produção de documentação. Na história do estudo da arte rupestre, as fotografias geralmente eram usadas como suporte para outras técnicas (relevé, frotagem), servindo apenas como ilustração para os textos (CLOGG et al, 2000, p. 837). A partir de 1985, a intensificação da aplicação da informática na arqueologia e sua utilização na análise da arte parietal através do tratamento das fotografias, fizeram com que fossem substituídas as análises textuais do conteúdo que imprimiam um caráter subjetivo ao método e as técnicas de contato direto, como decalques com acetatos, que ofereciam risco as representações rupestres.

O estudo aqui empregado não contou com um aprimoramento sofisticado na captura e processamento das imagens e tampouco a utilização de decalques, apenas as imagens captadas por uma máquina fotográfica digital. Portanto, o desafio maior foi

o de capturar com clareza os extensos painéis de forma que pudessem ser compreendidos àqueles que tiverem acesso às imagens aqui registradas.

Segundo informações no município,¹⁴ existem aproximadamente 09 sítios, dos quais, em apenas seis é possível encontrar pinturas ou incisões. Três sítios foram nomeados e os outros são identificados por pontos de GPS. Nesses locais foram encontrados artefatos líticos, peças de cerâmica, urnas funerárias, ossadas e pinturas rupestres. A escolha de apenas dois sítios para o estudo se deve ao fato de que nesses, o acesso é melhor e há um maior conjunto de abstratos nas representações ali encontradas.

3.3. O Município de São Desidério

O município localiza-se na mesorregião do extremo Oeste Baiano, entre as coordenadas: 46⁰19'29" e 44⁰ 34'32" W e 12⁰17'20" e 13⁰20'55" S. (EMBRAPA, 2010,p. 8). A 492m de altitude, 869 km distante de Salvador com uma população estimada em 27.659 habitantes, censo de 2010 (IBGE, 2010). Possui uma área de 15. 157Km². Limita-se com os estados de Goiás e Tocantins ao oeste, e com os municípios de Barreiras ao norte, Baianópolis a leste, Santa Maria da Vitória a sudeste, Correntina a sul, Catolândia a nordeste, e Luis Eduardo Magalhães a noroeste, conforme Figura 2.



Figura 2 - Mapa de São Desidério e seus limites
Fonte – Massapê Imóveis

¹⁴ Informação obtida no site oficial do município.

A vasta extensão territorial e as condições favoráveis para a agricultura principalmente o cultivo da soja e do algodão, de acordo com o IBGE(2010), renderam ao município o status de maior produtor nacional de algodão e maior produtor de grãos do Norte / Nordeste. É o maior produtor de soja, responsável por 31% da produção do Estado, produção que ocupa uma área de mais de 290 mil hectares. A fruticultura e as culturas da cana-de-açúcar, também merecem destaque no município. Destaca-se também nos projetos auto-sustentáveis com a utilização da matéria prima produzida na região como a folha do buriti e o capim dourado.

A constituição da vegetação a região oeste o cerrado. “O Bioma Cerrado ocupa 24% do território nacional e localiza-se na porção central do País, entre as latitudes, 04^o03’e 23^o 27’Sul e as longitudes 035^o 00’e 063^o00’Oeste, mantém áreas de transição com a maioria dos biomas brasileiros, exceto com os Pampas”. (PARRON et al., 2008, p. 23). Depois da Floresta Amazônica, o Cerrado constitui o maior bioma brasileiro. É também a segunda maior formação vegetal brasileira. Compõe-se de um mosaico de diferentes tipos de vegetação resultante da diversidade de solos, da topografia e da diversidade climática existente na área. Nos últimos anos tem se muito explorado, principalmente pela agricultura na produção de alimentos. O clima no município é do tipo AW, tropical com chuvas de verão. A temperatura anual varia entre 17^oC e 37^o; O índice de pluviosidade atinge 1.700mm/ano, com maior precipitação nos meses de novembro a janeiro, o período de seca compreende os meses de maio a setembro. Santos (2008, apud PARRON et al., 2008).

Os solos predominantes são os Latossolos que possuem restrições de fertilidade, seguidos por Neossolos Quartzarênicos, os quais representam as unidades de maior expressão geográfica na área do Chapadão Central. Gleissolos, Argissolos e Cambissolos ocorrem em menores quantidades (LINDOSO, 2007, p. 42).

Na região de São Desidério, predominamos Neossolos Litólicos e os Argissolos também têm pouca representatividade na área, são comuns na região na região de Barreiras, São Desidério e Coribe, assim como no interflúvio entre os rios Arrojado e Veredãozinho. Estes solos ocorrem em áreas com relevo plano e suave ondulado. Os Cambissolos apresentam textura média e argilosa, as vezes pedregoso, com ocorrência em terrenos suave ondulado e ondulado. Eles têm ocorrências restritas, sendo comum na borda ocidental da Serra Geral de Goiás e parte oriental da Serra, na região de Barreiras e São Desidério.

3.4. Origem

Segundo Almeida (2005), a cidade de São Desidério, se originou a partir de uma fazenda que foi adquirida pelo Sr. Desidério José de Souza através do padre José Quirino Silva Pereira, em meados do século XIX. E sob a administração do Sr. Desidério, aos poucos se transformou em núcleo habitacional.

Em janeiro de 1941 com o desdobramento de vários municípios do oeste baiano, Angical, que era distrito do município de Campo Largo se emancipou elevando o território até as fronteiras de Goiás onde estava incluído São Desidério. Em 26 de maio de 1891, Barreiras se emancipou de Angical. São Desidério que ainda pertencia a Angical, em 10 de abril de 1895, através do ato do Governador da Bahia, Dr. Joaquim Manoel Rodrigues, foi elevado à condição de Distrito de Barreiras. Em 22 de fevereiro de 1962, através do Decreto Lei Estadual de número 1.621 do Governador Lomanto Júnior finalmente se constitui município.

O município é possuidor de muitos atrativos naturais favoráveis à exploração turística. Rios caudalosos, cachoeiras e paredões propícios para a prática de esportes radicais. Também inúmeras grutas e paredões alguns com pinturas rupestres, vestígios arqueológicos que podem ser encontrados no Museu Municipal da Cidade de Barreiras, conforme demonstram as figuras 3 e 4, o tornam referência no oeste baiano. Sobre os vestígios Etchevarne (2011, p.11) comenta:

Os vestígios arqueológicos relativos às populações pré-coloniais encontram-se em todas as partes do território da Bahia, não havendo exclusão de nenhum dos ambientes naturais atuais. Efetivamente, podem ser encontrados locais com restos de habitação, acampamentos ou de oficinas nas zonas da Mata Atlântica, no Semiárido, no Vale do São Francisco, na Chapada Diamantina e no domínio do cerrado, no Além São Francisco. A profusão e a variedade de sítios arqueológicos são um excelente indicador da pluralidade de sistemas adaptativos criados pelos grupos humanos, em diferentes períodos anteriores à chegada dos portugueses.

Almeida (2005) afirma que na região oeste baiana, foram encontradas inúmeras urnas funerárias. Em 1987 em Mucambinho, município de Angical, agricultores quando preparavam a terra para o plantio se depararam com urnas, materiais líticos e ossadas humanas. O grande problema foi à falta de informações e de pessoas especializadas para retirar o material, com isso grande parte dele se perdeu, misturou-se a aragem da terra.

Na década de 1970, Calderón(1969 e1971, apud, ETCHEVARNE, 1999-2000), identificou e realizou escavações em sítios, com material Aratu, em outras partes do

estado da Bahia. A cerâmica Aratu foi encontrada no litoral, sítio Beliscão, em Inhambupe, e no cerrado do além São Francisco oito sítios nos municípios de São Desidério, Catolândia e Barreiras.

A semelhança do material, a extensão territorial do mesmo e a inclusão dos sítios em uma faixa cronológica contínua permitiram a Calderón reconhecer que ele se encontrava diante de uma verdadeira tradição ceramista.

Como elementos diagnósticos da Tradição Aratu sobressaem, sem sombra de dúvidas, as urnas funerárias. Estas são em forma de pêra ou jambo, invertido, com um tratamento da superfície externa apenas de alisamento. Uma tampa ou opérculo, formada por um recipiente também alisado, mais ou menos coniforme, fecha a abertura da urna, em uma provável tentativa de proteger o corpo do indivíduo enterrado do contato direto com a terra. Esse equipamento funerário forma um conjunto recorrente em qualquer dos ambientes onde é encontrado. O único fator diferenciador, até o presente, que o constitui, é uma linha incisa que acompanha a abertura das urnas, nos sítios de São Desidério. Normalmente, as urnas funerárias Aratu são encontradas formando grupos, delimitando o que poderia ter sido o espaço da aldeia. (ETCHEVARNE, 1999-2000, p.119).

Recentemente urnas e material lítico provavelmente dessa tradição foram encontrados próximos a cidade de Barreiras, (figuras 3 e 4), mas nem todos puderam ser retirados. Pois faltou apoio dos órgãos municipais para financiar profissionais especializados para esse fim.

Esta atividade, que envolve apenas o primeiro momento de aproximação, isto é, de identificação do sítio arqueológico seguida de cadastramento, está muito longe de ser a ideal. Reduzido número de profissionais, escassos ou nulos recursos e, sobretudo, a ausência de uma política de preservação por parte dos órgãos públicos fazem com que, em muitas situações, os vestígios arqueológicos estejam ameaçados de desaparecimento sem ter sido, sequer, mapeados. Etchevarne (2011, p. 11).



Figura 3 - Urnas e material lítico encontrado na região - Museu Municipal de Barreiras - 2012



Figura 4 - Urnas encontradas em sítios da região oeste da Bahia. Museu Municipal de Barreiras - 2012

Etchevarne (2011), afirma que nos últimos tempos o DERBA¹⁵, com o amparo da legislação patrimonial tem realizado monitoramento, acompanhamento e salvamento desses patrimônios. “Estes permitiram conhecer o potencial arqueológico de regiões até então desconhecidas e desenvolver trabalhos de educação patrimonial com a população”. Segundo Almeida (2005), na região de São Desidério ainda há muito material lítico a ser encontrado e catalogado, é preciso incentivo e local adequado para que seja guardado.

Sobre a pintura parietal presente nos paredões, não foi possível encontrar qualquer tipo de registros na cidade, ou até mesmo no IPHAN. Apenas sobre a cerâmica, conforme relatado anteriormente.

3.5. Discussão do local

3.5.1. Sítio Morro do Sol

O Sítio Morro do Sol localiza-se no Cânion da Beleza a 18 quilômetros a sudeste da cidade de São Desidério. O local é circundado por extensos paredões calcários areníticos. (figura 5). Para Etchevarne (2011, p. 49) “os arenitos, por exemplo,

¹⁵Departamento de Infra Estrutura de Transportes da Bahia

constituem situações topográficas como os abrigos, paredões e cânions com superfícies satisfatórias para plasmar os grafismos”.

O paredão localiza-se no alto de uma encosta a mais de 20 metros de altura (figura 6). Para chegar ao local é necessário percorrer um caminho íngreme de difícil acesso com plantas rasteiras e árvores derrubadas (figura 7). O sítio encontra-se implantado em meio a um bioma rico em fauna e flora, típico da vegetação do Cerrado que segundo Parron (2008), o cerrado não possui uma vegetação homogênea, mas variações como: cerradinho, cerradão, matas, veredas e brejos. Todos esses ambientes apresentam uma grande diversidade de frutos e animais.

O ponto notável da paisagem é a extensa planície observada ao chegar ao paredão. (figura 8) A área é utilizada para a criação de gado, já que o sítio se encontra dentro de uma fazenda. É de propriedade particular. Apresenta bom estado de conservação. As pinturas se encontram protegidas pelas depressões naturais da rocha (Figura 9). A área sofre a ação direta de agentes naturais como o intemperismo pela ação da água de chuvas e do sol. Sobre o tipo de rocha presente na região buscou-se em: Brasil, 1982; CPRM, 2008; Alves et al., 2009 (apud PARRON et al., 2008, p. 11)

A região compreende os arenitos da formação Urucuia que se encontram sobrepostos às rochas do grupo Bambuí. A composição geológica da área compreende do período Proterozoico até os dias atuais; possui em sua constituição depósitos eólicos compostos por calcários e areias; e compreende ainda rochas metamórficas e sequências de calcários com intercalações de pelitos e mangas.

Essa constituição rochosa pode ser observada nos paredões que circundam o caminho que leva ao sítio (figura 5). As imagens abaixo ilustram o percurso e a entrada principal.



Figura 5 - Paredão de acesso ao Sítio Morro do Sol - 2012

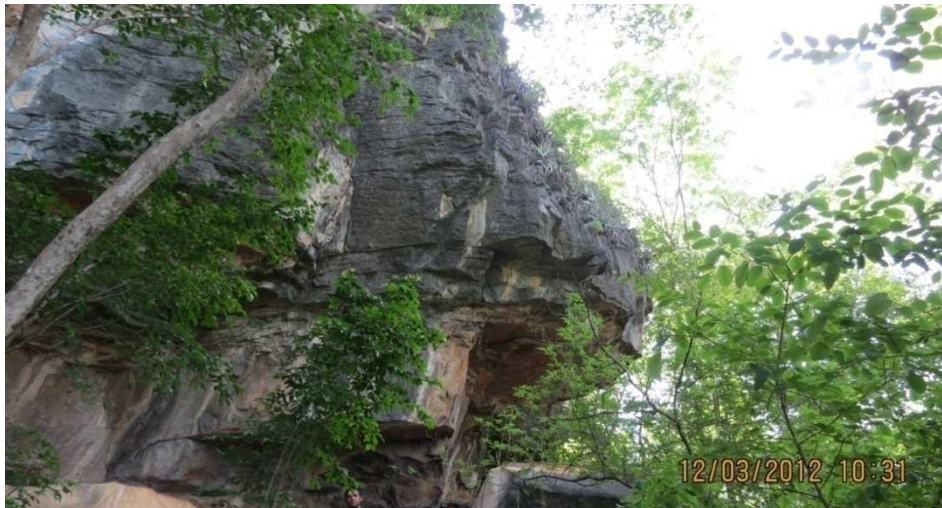


Figura 6- Entrada do paredão onde se encontra um painel contendo pinturas rupestres - Sítio Morro do Sol - 2012



Figura 7 - Caminho de acesso ao paredão do Sítio Morro do Sol - 2012



Figura 8 - Visão da planície abaixo do paredão. Sítio Morro do Sol - 2012



Figura 9 - Visão lateral à esquerda do paredão. Depressão natural para as pinturas. Sítio Morro do Sol - 2012

3.5.2. Sítio das Pedras Brilhantes ou Morro dos Tapuias

O sítio das Pedras Brilhantes está localizado a 15 quilômetros a oeste, da cidade de São Desidério, à margem direita do Rio Grande, no alto de uma encosta. É propriedade particular e explorado para visitação. Apesar disso, apresenta pouca estrutura. É composto por paredões de aproximadamente 10 a 15 metros de altura, um abrigo principal com teto amplo (figura 10). O acesso ao sítio para quem chega, é facilitado pela construção de um percurso sinalizado por pequenas pedras e placas com a nomenclatura de espécies nativas ali existentes como também pequenas grutas (figura 11- Grutinha dos Noivos). Parte do caminho para chegar ao local onde se

encontram os grafismos rupestres, é realizado sob árvores retorcidas e baixas, vegetação típica da região, onde predomina a vegetação cerrado(figura 12). Constatase a presença de rochas calcárias areníticas de vários tamanhos dispostas pelo caminho, da mesma tipologia descrita anteriormente no Sitio Morro do Sol (figuras 13 e 14). Quanto ao estado de conservação, a área sofre a ação direta de agentes naturais. Como o intemperismo e a depredação antrópica direta, ocasionada pelos visitantes sob a forma de pichações.



Figura 10 - Abrigo central que interliga a gruta e os paredões. Sítio das Pedras Brilhantes - 2012



Figura 11- Gruta existente no caminho que leva ao abrigo central, onde estão registradas as pinturas. Sítio das Pedras Brilhante - 2012



Figura 12 - Vegetação nativa. Sítio das Pedras Brilhantes - 2012.



Figura 13 - Rochas dispostas no caminho do abrigo. Sítio das Pedras Brilhantes - 2012



Figura 14 - Pequenas rochas dispostas no caminho para se chegar ao abrigo. Sítio das Pedras Brilhantes - 2012

3.6. Sítio Morro do Sol e Sítio das Pedras Brilhantes: análise comparativa.

Nos sítios pesquisados as semelhanças ambientais estão relacionadas à vegetação e à geologia. Apesar de se localizarem um a oeste e outro a sudeste, a distância que separa ambos é de apenas 30 quilômetros. Para maior clareza as diferenças encontradas estão dispostas na Tabela 1.

Tabela 1 - Análise comparativa entre as condições ambientais dos sítios

Sítio Morro do Sol		Pedras Brilhantes	
a)	Existência de um paredão	b)	Abrigos e paredões
c)	Proximidade com o rio	d)	Proximidade com o rio
e)	Localizado mais próximo da via de acesso	f)	Distante apesar de o caminho ser mais fácil.
g)	Maior conservação	h)	Percebem-se muitas pichações
i)	Poucas rochas no caminho de acesso	j)	Inúmeras rochas, grutinhas e pequenos paredões

Verifica-se muitas semelhanças entre os dois sítios. Mas, para que esses locais não desapareçam com o passar dos anos pela falta de conservação é necessário investimento em especialistas para que desenvolvam um trabalho de reconhecimento e preservação dos locais. Sobre isso Etchevarne (2011, p.14) discute:

Diante do panorama que oferece o patrimônio arqueológico na Bahia, caracterizado por ser um universo rico e altamente emblemático dos diferentes processos de ocupação territorial, e considerados a desinformação das comunidades envolvidas, a apatia administrativa, a carência de recursos financeiros e os escassos quadros profissionais especializados, cabe pensar que todas as ações possíveis deveriam ser concebidas e executadas de forma articulada. Isto quer dizer que, para maximizar esforços e obter resultados positivos, deveria ser elaborado um programa interinstitucional cooperativo, passível de envolver todas as instâncias das esferas públicas – federal estadual e municipal. Porém, qualquer tipo de iniciativa nesse sentido não poderá ser conduzida sem a participação da comunidade.

Para Etchevarne (2011), a região oeste situada à margem esquerda do Rio São Francisco, apresenta um grande potencial de implementos líticos e inscrições rupestres, porém, necessita da participação efetiva da comunidade e esferas públicas na preservação desse patrimônio arqueológico.

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES DA PESQUISA REALIZADA NOS SÍTIOS ARQUEOÓGICOS MORRO DO SOL E PEDRAS BRILHANTES NO MUNICÍPIO DE SÃO DESIDÉRIO NO ESTADO DA BAHIA.

A discussão a seguir apresenta imagens fotografadas nos sítios já descritos anteriormente. Para maior clareza dos resultados adotou-se alguns procedimentos metodológicos:

- a) Quanto à classificação dos grafismos, será adotada a mesma classificação e tabela utilizada por Comerlato (2007) (figura15).
- b) A análise dos grafismos quanto à Tradição rupestre e os estilos se pautarão nos autores: Silva (2002); Comerlato (2007); Etchervane (2011); Costa (2005); Ribeiro (2006) entre outros.
- c) Cada sítio será analisado individualmente, primeiro Morro do Sol, em seguida, Pedras Brilhantes. Serão analisadas as imagens fotográficas produzidas nos painéis para análise e identificação das tipologias, estilos e tradições presentes nos grafismos rupestres baseado em Comerlato (2007).

A metodologia procederá da seguinte forma:

- a) Apresentação e discussão do painel geral que contém os grafismos.
- b) Realização de cortes e recortes do espaço pictográfico na fotografia, em diferentes montagens para identificação cronoestilística dos grafismos rupestres encontrados na área pesquisada. Prous (2004, apud PÉCLAT, 2011) afirma que para elaborar classificações sobre qualquer tipo de artefato arqueológico buscam-se semelhanças ou diferenças entre determinados atributos como: tipologias: morfológicos, estéticos, ambientais entre outros, como também a relação com outras localidades ajudam na compreensão dessa arte. As linhas de pesquisa sobre enfoques estilísticos buscam alcançar o que poderia ser considerado como significativo para determinadas sociedades, pois instigam e aperfeiçoam o olhar para um número considerável de atributos, na esperança de que alguns destes possam ter tido algum significado para estes povos. A seguir iniciaremos com a caracterização e localização das imagens nos sítios arqueológicos em estudo.

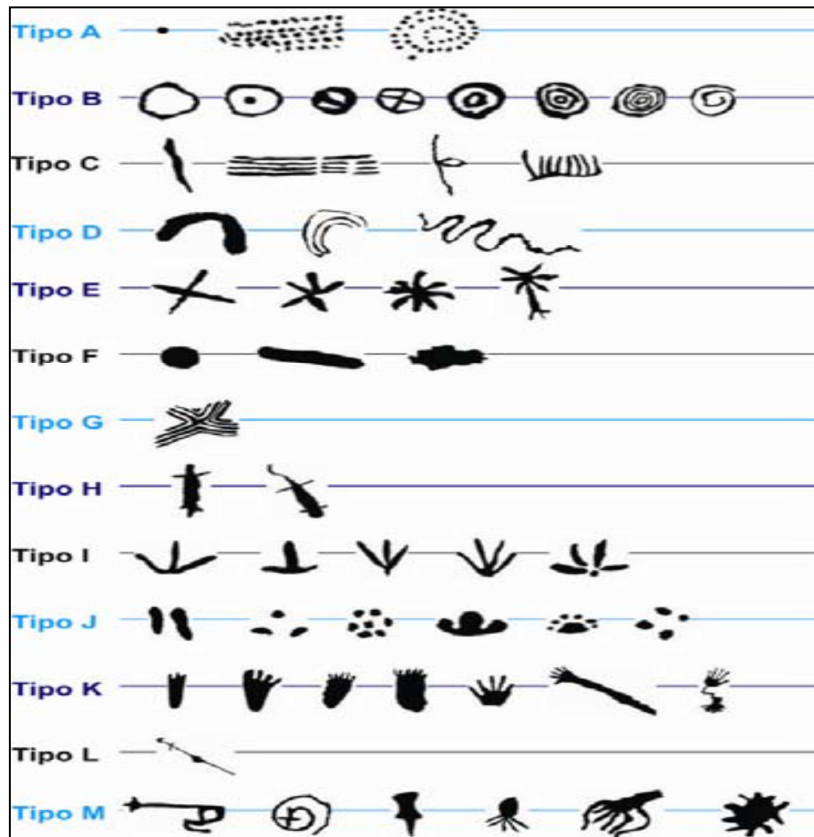


Figura 15 - Classificação utilizada para descrição das formas encontradas
Fonte: Comerlato 2007

- Tipo A - Pontos, cúpulas e sulcos;
- Tipo B - Circunferências;
- Tipo C – Linhas retas;
- Tipo D - Linhas curvas e onduladas;
- Tipo E – Linhas retas convergentes;
- Tipo F – Áreas cheias;
- Tipo G – Linhas retas paralelas em ângulo agudo e obtuso com reflexão de espelho;
- Tipo H – Sáurios;
- Tipo I – Pegadas de aves;
- Tipo J – Pegadas de mamíferos;
- Tipo K – Representações humanas segmentadas;
- Tipo L - Instrumentos e tipo M – Outros.
(COMERLATO, 2007, p. 6)

4.1. Sítio Morro do Sol – Caracterização, Localização e análise dos Grafismos.

O sítio Arqueológico, conforme localização anterior está a 18 quilômetros da cidade de São Desidério. Consta de apenas um paredão inserido numa encosta. No paredão encontram-se dois painéis com pinturas rupestres que serão descritos a seguir. Para facilitar a compreensão os painéis serão nomeados em: painel A e painel B (figuras 16, 17 e 18).

O painel A, localiza-se na parte frontal, única entrada existente no local, na extremidade inferior externa sob uma rocha projetada para frente, a uma altura de 1, 63

m do solo. Mede 5,10 metros de comprimento por 1,40 metros de altura. Apesar da exposição às intempéries apresenta bom estado de conservação. Nesse painel, apresentam-se quatro pequenos conjuntos, um a esquerda, outro centralizado e o último à direita, nesses conjuntos somente a cor vermelha foi percebida (figuras 19 e 20). O quarto conjunto está separado 1,5 metros dos demais e protegido por uma pequena cobertura rochosa. Esse se diferencia por apresentar além da cor vermelha a amarela. O espaço que divide os três primeiros conjuntos do último é ocupado por duas figuras geométricas soltas (figuras, 49 e 50). Sobre os grafismos figurativos e geométricos, Silva (2002, p. 91) afirma:

Consideramos figurativo aquele grafismo que podemos reconhecer como tema imediatamente assimilável ao nosso universo, tais como o tema das armas, dos grafismos zoomorfos, antropomorfos. Os grafismos não figurativos são associados àqueles temas não imediatamente reconhecidos por nossa percepção.

O painel B, ocupa uma área de aproximadamente 8 m², localiza-se na lateral direita e acima uns quatro metros de altura do painel A. Está há 10 metros do solo, com paredes sub-horizontais ou inclinadas, piso rochoso constituído de um grande bloco desabado, sob um teto que mede cerca de 5 metros, localiza-se o painel com pinturas rupestres, protegidas das intempéries. A superfície pintada apresenta-se sem irregularidades relevantes na topografia. Os grafismos deste painel apresentam melhor conservação do que as que estão localizadas no painel A. Esse apresenta um número reduzido de pinturas, apenas um conjunto com treze grafismos dispostos três à esquerda, um em tamanho maior ao centro, e os demais à direita, nas cores vermelho e ocre. (figura 21).



Figura 16 - Vista panorâmica da entrada do sítio - Sitio Morro do Sol - 2012



Figura 17 - Entrada principal do paredão. Sítio Morro do Sol - 2012



Figura 18 - Paredão lateral onde se encontra o segundo painel de pinturas. Sítio Morro do Sol - 2012

Painel A:

As figuras 19 e 20 localizam-se no painel A, na área central, mas, devido à distância e as adversidades ambientais existentes no local foram captadas pela fotografia, separadamente. Para a análise será utilizada a nomenclatura A1 para o painel que se encontra acima, e A2 para o painel que se encontra abaixo.

No painel A1 são percebidos três grupos de grafismos distribuídos: à esquerda, ao centro e à direita no canto superior. Também à esquerda ao lado do primeiro conjunto nota-se um geométrico solto, distante das demais imagens, como mostra a figura 19.

No painel A2 à esquerda se percebe três grafismos abstratos, mais ao centro uma figuração em vermelho e à direita abstratos nas cores, ocre e vermelho como mostra a figura 20.

Painel B:

A visão geral do painel B é melhor que a do painel A, devido à localização. Os grafismos estão dispostos da seguinte forma: à direita no canto inferior cinco abstratos em amarelo; ao centro uma figuração em tamanho maior, em vermelho, e à direita mais alguns geométricos. Treze geométricos compõem esse painel. (figura 21).



Figura 19 - Painel A1 localizado na parte Central. Morro do Sol. 2013



Figura 20 - Painel A2 localizado na parte central do paredão. Morro do Sol - 2013






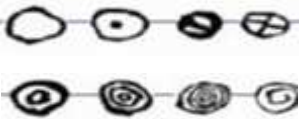

Figura 21 - Painel B localizado à direita. Morro do Sol - 2012


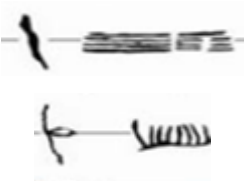



4.1.1. Análise Tipológica do Sítio Morro do Sol






Para a discussão tipológica dos grafismos geométricos encontrados no sítio adotou-se a metodologia utilizada por Comerlato (2007). A partir de uma imagem geral dos painéis (figuras 19, 20 e 21) foram realizados cortes estratégicos que facilitaram tanto a descrição tipológica como as tradições, estilos e contextos que podem ser


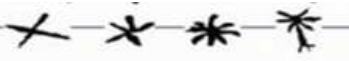




inseridos a esses grafismos. Desta forma, será realizada a análise comparativa, descrita em forma de tabela, entre os grafismos encontrados e a metodologia tipológica sugerida por Comerlato (2007).





Tabela 2 - Tipologia do Sítio Morro do Sol

Tipo	Grafismos sugeridos (COMERLATO, 2007)	Grafismos encontrados - Sítio Morro do Sol
<p>A - Pontos, cúpulas e sulcos.</p>		 <p>Figura 22- Pontos cúpulas e sulcos painel A2</p>  <p>Figura 23 - Corte realizado na Figura 22</p>
<p>B - Circunferências.</p>		 <p>Figura 24 - Circunferências painel A1</p>

		 <p data-bbox="938 600 1353 631">Figura 25 - Corte realizado na Figura 24</p>
<p data-bbox="197 705 421 743">C - Linhas Retas</p>		 <p data-bbox="967 1155 1318 1187">Figura 26 - Linhas retas painel A1</p>  <p data-bbox="938 1655 1353 1686">Figura 27 - Corte realizado na Figura 26</p>  <p data-bbox="967 1968 1318 2000">Figura 28 - Linhas retas painel A2</p>

		 <p>Figura 29- Corte realizado na Figura 26</p>  <p>Figura 30- Corte realizado na Figura 28</p>  <p>Figura 31- Corte realizado na Figura 26</p>
<p>D - Linhas Curvas e Onduladas e Onduladas</p>		 <p>Figura 32 - Linhas curvas e onduladas painel A1</p>

		 <p>Figura 33- Corte realizado Figura 32</p>
<p>E - Linhas Retas Convergentes</p>		<p>Não apresentou.</p>
<p>F - Áreas Cheias</p>		 <p>Figura 34 - Áreas cheias painel A1</p>  <p>Figura 35 - Corte realizado Figura 34</p>  <p>Figura 36 - Corte realizado na Figura 34</p>

		 <p>Figura 37 - Áreas cheias painel B</p>  <p>Figura 38 - Corte realizado na Figura 37</p>  <p>Figura 39 - Corte realizado na Figura 37</p>
<p>G - Linhas retas paralelas em ângulo agudo e obtuso com reflexão de espelho</p>		<p>Não apresentou.</p>

H - Saurios



Figura 40 - Saurios painel B








Figura 41 - Saurios painel B



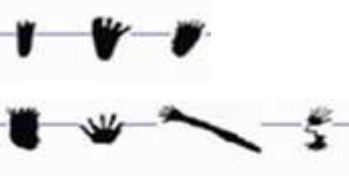





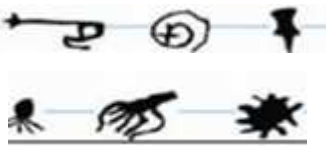



Figura 42 - Saurios painel B



Figura 43 - Saurios painel A1

		 <p>Figura 44 - Sáurios painel A2</p>  <p>Figura 45 - Sáurios painel A2</p>  <p>Figura 46 - Sáurios painel A1</p>
<p>I - Pegadas de aves</p>		 <p>Figura 47 - Pegadas de aves painel A1</p>

		 <p>Figura 48 - Pegadas de aves painel A1</p>
J - Pegadas de mamíferos		Não apresentou.
K - Representações humanas segmentadas		 <p>Figura 49 - Representações humanas segmentadas painel A1</p>  <p>Figura 50 - Representações humanas segmentadas painel A1</p>
L - Instrumentos		Não apresentou.

<p>M - Outros</p>		 <p>Figura 51 - Grafismos abstratos painel A1</p>  <p>Figura 52 - Grafismos abstratos painel B</p>  <p>Figura 53 - Grafismos abstratos painel A2</p>
--------------------------	---	---

4.1.2. Panorama Geral das inscrições: Estilo e Tradição

Na tipologia utilizada por Comerlato (2007), as inscrições foram divididas em 13 grupos, nas presentes no sítio em estudo encontramos 10 grupos, 8 que inserem na classificação adotada e três nomeados pela letra M proposto pela autora. Também não foram encontrados os grupos E, G, J e L. A figura 41 apesar de ter sido organizada no grupo H, difere em alguns aspectos, sobretudo na parte superior.

Outros autores como Silva (2002) adotam uma metodologia diferente, classifica em figuras antropomorfas àquelas que sugerem a representação humana, nomeada a partir da forma de como retrata corpo. Também utiliza a classe dos biomorfos com suas

subdivisões. As Zoomorfas organizou com apenas a família dos répteis. A dos objetos definiu em duas famílias: de armas e outros objetos, entre outras.

As inscrições encontradas no Sítio Morro do Sol podem ser caracterizadas a partir do estilo Sanfranciscano, descrito por Ribeiro (2006) no item 2.4.3.1. E inseridas à Tradição São Francisco representante no vale do rio São Francisco, Minas Gerais, Bahia, Sergipe, Goiás e Mato Grosso. Caracteriza-se por apresentar grafismos geométricos, representações humanas e animais. Suas manifestações ocorrem apenas na pintura. Em alguns sítios podem ser encontrados desenhos de armas, propulsores, grafismos, biomórfos e antropomorfos. As inscrições se localizam em suportes lisos, iluminados e amplos (RIBEIRO, 2006; COSTA, 2005). Algumas características da Tradição Agreste podem ser percebidas nos grafismos discutidos, como as figuras isoladas, (figuras 49, 50 e 51) ou acompanhadas de outras menores, (figura 41). A análise a seguir sobre o estilo encontrado no sítio se pautará na reorganização estilística proposta por Ribeiro a partir da classificação original de Prous(1989), Divididos em SF1, SF2 e SF3 (Estilo Sanfranciscano).

4.1.2.1. Estilo SF1 – Morro do Sol

O paredão encontra-se à base da encosta, (característica desse estilo) apresenta um piso rochoso e irregular, o suporte onde recebe as pinturas é vertical. As figuras medem em média entre 11 e 49 centímetros, a maioria pintada em monocromia, (cor vermelha) (figura 19), mas em alguns casos há ocorrência da bicromia (vermelho e amarelo - mais para ocre) (figuras 40,52, 53). Na figura 52, observa-se que há um geométrico com comprimento bem superior aos demais, ultrapassa a média dos outros que compõem os painéis, mede 1,04m. As tintas utilizadas são de modo geral espessas e homogêneas. O branco foi utilizado em dois grafismos (figuras 39 e 47). O preto não foi identificado. Nesse estilo Ribeiro (2007) afirma que aparecem círculos concêntricos, pontos, e outras pequenas formas geométricas, bastonetes, etc. (figuras: 22, 23, 36, 38 e 47). Ocorrem também grafismos figurativos que correspondem principalmente a seres antropomorfos, com ocorrência de sauros (COMERTATO 2007), figuras da classificação H.

4.1.2.2. Estilo SF2 – Morro do Sol

Poucas referências foram encontradas a respeito desse estilo nas inscrições presentes no sítio. Conforme afirma Ribeiro (2007), os temas SF1 são mantidos, mas são introduzidos outros mais elaborados. “Os elementos astronômicos podem ser numerosos (...)‘sóis’ biocrômicos,(...) em coloridos arranjos que incluem linhas sinuosas, grades e pentes.” (figuras 31 e 56) nesse estilo apenas percebeu-se a identificação desses geométricos. (RIBEIRO, 2007, p. 200).

4.1.2.3. Estilo SF3 – Morro do Sol

Esse estilo não foi detectado, por não haver nenhum dado que corresponda às suas características.

Percebe-se que no sítio Morro do Sol predomina o estilo SF1, mas o SF2 com raríssimas exceções pode ser encontrado em algum grafismo. Uma característica comum entre os três estilos é a presença de geométricos, estes predominam entre os grafismos encontrados. Quanto às Tradições, há predomínio da São Francisco, mas apresentam algumas características que se encontram na Tradição Agreste.

4.2. Sítio das Pedras Brilhantes ou Morro dos Tapuias – Caracterização, Localização e análise dos Grafismos.

O sítio Arqueológico localiza-se a 15 quilômetros oeste da cidade de São Desidério, (descrito anteriormente) no alto de uma encosta. Consta de um abrigo principal com teto amplo constituído de uma entrada principal, duas secundárias e interligado por outro abrigo menor, que apresenta leves estalactites. Rochas soltas e pequenas se encontram em todo local. A direita da entrada principal encontra-se uma parede rochosa de aproximadamente 8 metros de altura, onde se observa a existência de alguns grafismos quase invisíveis devido à ação das intempéries. No abrigo encontram-se mais dois painéis com registros rupestres.

O estudo se pautou em apenas um painel, naquele que apresenta maior número de grafismos, melhor conservação e visibilidade e que se localiza no lado externo do abrigo, à esquerda de quem chega pela entrada principal. É protegido por um teto de aproximadamente 15 metros de altura, onde encontram-se pintados dois geométricos na cor vermelha (figura 78).

O paredão onde se encontra o painel com os grafismos rupestres mede 5,10 metros na parte mais alta e 4 metros na menor, à direita, por apresentar acentuada inclinação. O maior conjunto de grafismos localiza-se na parte superior com tamanhos que variam entre 10 a 50 centímetros. São muitas figuras geométricas retratadas com monocromia e bicromia. Dispostas uma ao lado da outra, voltadas para frente. Ocupam um espaço de 2 metros de comprimento por 1,6 metros de altura. Um pouco mais a frente e separado do grande grupo por alguns centímetros, nota-se um conjunto com figuras que variam também entre 10 a 50 cm, bicromáticas, nas cores vermelhas e amarelas.

Abaixo, no mesmo paredão, há 2 metros do solo aproximadamente e um metro da parte superior, no centro, mais a esquerda encontra-se outro pequeno conjunto geométrico nas mesmas cores das figuras superiores. À direita deste, aparecem alguns geométricos soltos, em vermelho e preto. Apesar das pinturas estarem sob a proteção do abrigo o mesmo apresenta desgaste ocasionado pelas intempéries. A análise tipológica dos grafismos encontrados no painel descrito acima se procederá conforme metodologia utilizada na descrição do sítio Morro do Sol. Baseado em Comerlato(2007). As figuras 54 e 55 ilustram a entrada e a parte superior do abrigo. As 56, 57 e 58, fazem parte do mesmo painel superior, mas foram dispostas separadamente para melhor visualização. As figuras 59 e 60 são encontradas na parte inferior.



Figura 54- Entrada do Abrigo. Sítio das Pedras Brilhantes - 2012



Figura 55- Parte superior do paredão onde se localiza do painel com grafismos rupestre. Sítio das Pedras Brilhantes - 2012



Figura 56- Painel superior. Sítio das Pedras Brilhantes - 2012



Figura 57- Painel superior em outro ângulo. Sítio das Pedras Brilhantes - 2012



Figura 58- Pannel superior com detalhes dos grafismos. Sítio das Pedras Brilhantes 2012



Figura 59- Parte inferior do pannel - conjunto geométrico à esquerda e figuras soltas à direita. Sítio das Pedras Brilhantes - 2012



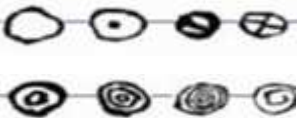

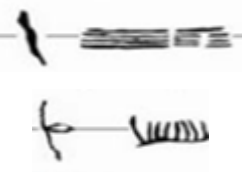








Figura 60- Detalhe parte inferior direita. Sítio das Pedras Brilhantes - 2012




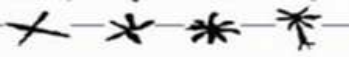

4.2.1. Tipologia das Imagens do Sítio das Pedras Brilhantes ou Morro dos Tapuias





Para a discussão tipológica dos grafismos encontrados no sítio das Pedras Brilhantes ou Morro dos Tapuias, adotou-se a mesma metodologia utilizada no item 4.1.1, proposta por Comerlato (2007). A análise comparativa será descrita na tabela 3.






Tabela 3 - Tipologia do Sítio Pedras Brilhantes ou Morro dos Tapuias



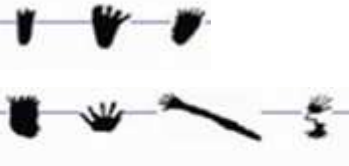



Tipo	Grafismos sugeridos (COMERLATO, 2007)	Grafismos encontrados - Sítio das Pedras Brilhantes
A - Pontos, cúpulas e sulcos.		 <p data-bbox="855 1122 1430 1151">Figura 61 - Imagem localizada à direita na parte inferior</p>
B - Circunferências.		 <p data-bbox="847 1637 1442 1688">Figura 62-Localiza-se à esquerda no conjunto geométrico inferior</p>
C - Linhas Retas		 <p data-bbox="882 2024 1406 2054">Figura 63 - Localiza-se no painel superior à direita</p>

		 <p>Figura 64- Localizado no conjunto inferior à direita.</p>  <p>Figura 65- Localiza no conjunto superior.</p>  <p>Figura 66- Localiza-se na parte inferior do painel</p>
<p>D - Linhas Curvas e Onduladas</p>		 <p>Figura 67 - Localiza-se na parte superior do painel</p>

		 <p>Figura 68 - Localiza-se na parte inferior à esquerda</p>  <p>Figura 69- Localizados no conjunto superior do painel</p>  <p>Figura 70- Localizado no conjunto superior à direita.</p>
<p>E - Linhas Retas Convergentes</p>		<p>Não apresentou.</p>
<p>F - Áreas Cheias</p>		

		 <p>Figura 71 - Encontrada na parte inferior</p>  <p>Figura 72 - Encontrada na parte superior</p>  <p>Figura 73 - Encontrada na parte superior</p>
<p>G - Linhas retas paralelas em ângulo agudo e obtuso com reflexão de espelho</p>		<p>Não apresentou.</p>

<p>H - Saurios</p>		 <p>Figura 74- Localizado no conjunto superior à direita</p>  <p>Figura 75- Localizado no conjunto superior à esquerda</p>
<p>I - Pegadas de aves</p>		 <p>Figura 76 - Encontrado no conjunto superior</p>

		 <p>Figura 77 - Encontrada no conjunto superior</p>
J - Pegadas de mamíferos		Não apresentou.
K - Representações humanas segmentadas		Não apresentou.
L - Instrumentos		Não apresentou.
M - Outros		 <p>Figura 78 - Grafismo abstrato encontrado no teto do abrigo</p>

4.2.2. Panorama Geral das inscrições: Estilo e Tradição.

Comerlato(2007) a partir das formas das gravuras rupestres fez a divisão tipológica em 13 grupos. Para a análise acima, adotou-se a mesma metodologia do sítio Morro do Sol. Foram encontrados grafismos que se inserem em 8 grupos. Sobre o grafismo (figura 78) conforme pode ser percebido, pela classificação utilizada pela autora ele não apresentou semelhança com as categorias, por isso foi inserido na categoria M (outros). O grande número de grafismos monocromáticos na cor vermelha

alguns sobrepostos outros muito próximos, a altura, conservação do painel e algumas pichações, dificultaram-se a realização da análise tipológica.

Com base em Costa (2005) e Ribeiro (2007) constata-se que os grafismos encontrados no sítio em estudo podem ser associados com a Tradição São Francisco. Conforme conceituado anteriormente. Na análise estilística o mesmo procedimento utilizado no sítio Morro do Sol foi adotado, a partir da reorganização de Ribeiro (2006), dividida em três classificações.

4.2.2.1. Estilo SF1 – Sítio Pedras Brilhantes ou Morro dos Tapuias

No sítio das Pedras Brilhantes foi encontrado apenas o estilo SF1, pelo fato da constituição geográfica do sítio se encontrar próximo ao Rio Grande, apresentar grande área abrigada com amplo teto e piso sedimentar regular, painéis amplos e iluminados, figuras geométricas pintadas e não gravadas que variam entre 15 a 50 cm, (figura 57). Monocromia em alguns grafismos (figura 58, 65, 75), outros apresentam a biocromia (figura 62, 64 e 77). O branco não aparece. (figura 59). Identificou-se apenas um conjunto de pontos quase ilegíveis (figura 62), vários geométricos em vermelho sendo um em vermelho vinho (figura 70). E geométricos na cor amarela (figura 71), e apenas um em preto, única forma encontrada nessa coloração (figura 66). Ocorrência de Sauros (figuras 74 e 75), conforme designação utilizada por Ribeiro (2006) e Comerlato (2007). Percebe-se também uma sobreposição em algumas figuras dificultando a visibilidade (figuras 61, 69 e 76). Observa-se que alguns grafismos apresentam boa conservação como o das figuras 77 e 78, outros quase ilegíveis como o das figuras 61 e 62. Considerou-se para a análise apenas o estilo SF1, por compreender que os grafismos presentes no painel inserem-se nessas características.

4.2.2.2. Estilo SF2 – Sítio Pedras Brilhantes ou Morro dos Tapuias

Sobre esse estilo, a semelhança encontrada conforme cita Ribeiro (2006, p. 200), inclui “luas em coloridos arranjos e, que incluem linhas sinuosas grades e pentes, entre outros” (figura 59).

4.3. Análise Pictográfica entre os sítios: semelhanças e diferenças.

As diferenças e semelhanças geográficas entre os sítios já foram elencadas anteriormente (tabela 1). A discussão a seguir evidenciará apenas as diferenças e semelhanças constatadas nos grafismos encontrados. Para evitar a repetição da nomenclatura na descrição será adotado as letras MS referindo-se ao sítio Morro do Sol (MS) e PB para Pedras Brilhantes (PB).

Os painéis encontrados no MS demonstram melhor estado de visibilidade e conservação. Os grafismos registrados nos dois sítios apresentam semelhanças cronoestilística da Tradição Sanfranciscana, conforme (RIBEIRO,2006; ETCHEVARNE, 2011) mas, como a pesquisa está apenas no início, ainda faltam dados e maior aprofundamento arqueológico para uma afirmação sobre a possível tradição a que se inserem.

No sítio Pedras Brilhantes (PB), se percebe certa sobreposição. A visualização a olho nu é menor em PB (figura 66). A distribuição espacial encontrada no sítio PB registra um maior número de grafismo na parte superior, e em sequência horizontal. Em MS o painel com maior concentração de grafismos fica mais próximo do solo, o de menor volume no alto. No PB, identifica-se a cor vermelho vinho não encontrado no outro local. Segundo a classificação de Comerlato (2007) quanto à tipologia, os grupos (A e B) são percebidos em maior número no sítio MS. No decorrer da análise o sítio PB apresentou maior dificuldade de análise devido ao estado de conservação. O sítio MS se encontra geograficamente localizado mais distante da cidade, talvez isso contribua para a melhor conservação encontrada.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para a semiótica um signo é uma representação composta por linguagens. Na linguagem iconográfica estuda-se o repertório dos temas e símbolos característicos da arte de uma época. Compreende-se que a imagem não deve ser apenas contemplada, mas, discutida, lida e analisada.

A Semiótica vê nas imagens, formas sógnicas que podem ser observadas tanto na qualidade de signos quando representação de aspectos do mundo, ou em si mesmas. Expressam figuras ou outras formas, e podem ser vistas em muitas culturas. Na cultura ocidental valorizam-se as imagens mentais, por serem consideradas essência do pensamento.

As imagens representadas recebem a denominação de ícones, mas, nem todos os ícones são imagens visuais, podem ser representadas de forma mais geral como: acústicas, táteis, olfativas ou formas conceituais que podem apresentar semelhança sógnica entre signo da imagem e seu objeto. Com base na Semiótica pode-se conceituar as representações rupestres como pertencentes à primeiridade postulada por Peirce, por se apresentar na forma de ser, sem ter uma referência anterior.

Os grafismos rupestres são representações que descrevem as expressões culturais de períodos distintos. Para compreender o outro e seu modo de vida, o homem sempre buscou explicações em civilizações anteriores, percebendo que as relações de causa e efeito diferem de homens e culturas. As diferenças estilísticas presentes em grafismos de norte a sul do Brasil demonstram que as diferenças culturais são idiossincrásicas. As representações rupestres são compostas por características que variam de acordo com a região onde estão localizadas ou o período de sua elaboração.

Em todo território brasileiro é possível encontrar uma infinidade de sítios arqueológicos contendo representações rupestres. Os sítios de arte rupestre acompanham a instalação do homem no território brasileiro, se espalham de norte a sul, leste a oeste, ligando-se e adaptando-se as necessidades de sobrevivência.

A partir das décadas de 1970 e 1980 as pesquisas envolvendo grafismos rupestres se multiplicaram. Regiões como nordeste e central apresentam um volume muito grande em pesquisas nessa área. Na Bahia renomados autores têm desenvolvido estudos em diferentes localidades do estado identificando tradições e estilos.

Na década de 1980 trabalhos realizados com base na variedade estilística encontrada em sítios brasileiros definiram oito tradições e algumas sub-tradições como: Meridional, Agreste, Nordeste, Geométrica, Litorânea Catarinense, Planalto, São Francisco e Amazônica que são utilizadas para caracterizar grafismos encontrados nas regiões brasileiras. As tradições rupestres no Brasil, têm contribuído para maior detalhamento dos estilos e tradições encontrados em algumas regiões e estimulado novas pesquisas na área. Com a identificação de peculiaridades locais esses estudos têm contribuído para melhor descrever os critérios de algumas das classificações definidas.

Na Serra da Capivara, estado do Piauí, após trinta anos de pesquisas alguns conjuntos significativos que haviam sido organizados e nomeados sobre as Tradições estão sendo revistos e discutidos. A região de Central, norte da Bahia e regiões circunvizinhas, apresentam um grande número de sítios arqueológicos. Uma parte da região oeste baiana registra evidências de achados rupestres. No município de São Desidério, área que foi realizada a pesquisa, podem ser encontrados uma grande variedade de sítios arqueológicos. Alguns apresentam pinturas outros objetos líticos, urnas entre outros.

A pesquisa em discussão foi realizada nos sítios Morro do Sol e Pedras Brilhantes onde foram analisados três painéis com grafismos rupestres presentes no local. Foi empregado o método descritivo, constatando-se a partir da análise, que apresentam algumas semelhanças com Tradições presentes no oeste baiano conforme análises cronoestilísticas observadas nos locais e fundamentadas nas bibliografias citadas.

Os painéis encontrados no sítio Morro do Sol apresentam menor número de grafismo do que o segundo sítio pesquisado, bem como, maior visibilidade. Os mesmos encontram-se em lugares diferenciados, um mais ao alto, o outro, mais próximo do solo, esse com maior número de registros rupestres. As cores, vermelho e amarelo predominam. O branco foi encontrado em apenas dois grafismos. O preto não aparece.

No sítio das Pedras Brilhantes, os grafismos são em maior número que o sítio anterior, o conjunto maior se concentra no alto, outro menor abaixo, a uma altura de 2 metros do solo e à sua direita nota-se alguns grafismos soltos. As cores, vermelho e amarelo predominam o branco não aparece. O preto está presente em apenas uma figura. Conforme discussão anterior todas essas características podem estar relacionadas ao estilo Sanfranciscano, pois apresentam algumas semelhanças

estilísticas, mas os estudos realizados são superficiais para se chegar a uma possível conclusão. É preciso maior aprofundamento concluir com propriedade.

No decorrer do estudo surgiram dúvidas relacionadas à comparação cronoestilística. A tipologia adotada com base em Comerlato (2007), e os estilos citados por Ribeiro (2006) foram importantes aportes no auxílio das incertezas encontradas durante a realização da análise. Outros problemas encontrados decorreram da falta de aporte teórico na região. No município pesquisado a única biblioteca existente não apresenta nenhuma referência sistematizada aos sítios pesquisados. O que se conseguiu apurar foram apenas relatos desencontrados de pessoas nascidas no município. A UFBA, que possui um Campi sediado na cidade de Barreiras tem realizado pesquisas na região, são estudos iniciais, mas que estão contribuindo para a compreensão da história da região.

Aproximar-se dos objetos culturais implica aproximar-se de todas as imagens e produções de maneira geral, perceber a capacidade de como determinadas culturas produzem ou os produziram, com a finalidade de conhecer e compreender seus significados e como esses contribuem na construção da história da humanidade. Para isso, diferentes Signos foram sendo construídos pela humanidade. Na região existem muitos sítios que precisam ser identificados e catalogados. A pesquisa em questão apresentou a análise imagética de dois sítios, mas futuramente espera discutir os paredões dos outros sítios que lá estão e contém pinturas ou gravuras.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Ignez Pita de. Barreiras uma História de Sucesso. Barreiras: (?), 2005.

ALMEIDA, Guilherme Albaglide; FARIAS, Luis Henrique. Considerações sobre a Arte Rupestre no Estado da Bahia <<http://www.uesb.br/anpuhba>>. Acesso em 21 de agosto de 2012.

BARTHES Roland. A Câmara Clara. Portugal: Edições 70, 2010.

ALVES, Carlos Antonio Belarmino . Evolução da Arqueologia e a falta de Compromisso Governamental. In: OLIVEIRA, Thomas Bruno (org.) . Pré-História II Estudos para a arqueologia da Paraíba. João Pessoa – PB: JRC Gráfica e Editora. 2011.

COSTA, Carlos. Sítios de Representação Rupestre da Bahia (1950-1990): levantamento dos dados primários dos acervos iconográficos das coleções arqueológicas do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade Federal da Bahia (MAE/UFBA). REVISTA OHUN – Revista eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da UFBA Ano 2, nº 2, outubro 2005.

COMERLATO, Fabiana. As Representações Rupestres do Estado de Santa. (in). Revista Ohun – Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da UFBA Ano 2, nº 2, outubro 2005.

COMERLATO, Fabiana. Estudo Metodológico em Sítios e Gravuras Rupestres em Lajedos, Bahia. In: Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira, 2007, Florianópolis. Congresso Internacional da SAB. Erechim: Habilis, 2007. P. 1-14.

CHARTIER, Roger. A História Cultural entre Práticas e Representações. Trad. Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editorial, 1988. 244 p.

DEELY, John. Semiótica Básica. São Paulo: Ática, 1993.

ETCHEVARNE, Carlos (org.); PMENTEL, Rita.(org.). Patrimônio Arqueológico da Bahia. (Série estudos e pesquisas, 88).1.ed. Salvador: SEI, 2011.132 p.

ETCHEVARNE, Carlos. Ocupação Humana do Nordeste antes da chegada dos Portugueses. Revista USP, São Paulo, n.44, p. 112-141, dezembro/fevereiro 1999-2000

FALCÓN, Gustavo:(in) Panorama Cultural da Bahia. Panorama Cultural Contemporâneo Regiões Socioculturais: Oeste/ Velho Chico – divisão municipal e principais cidades. Série Estudos e Pesquisas 92. SEP: 2012.Publicações SEI. Salvador 2012. P.311- 322.

GINZGURG, Carlo. Olhos de Madeira: nove reflexões sobre a distância. Trad. Carlos Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GOMBRICH, Ernest. Symbolic Images – Studies in the art of Renaissance II. New York: Phaidon Press, 1978. FERREIRA, Dina Maria Martins. (org.) IMAGENS: O que fazem e significam. São Paulo: Annablume, 1978.

GUIDON, N. 2006 Pedra Furada: uma revisão. In: Simpósio Internacional O Povoamento das Américas, 2006, São Raimundo Nonato. Artigos e resumos. São Raimundo Nonato: Fundação Museu do Homem Americano, p. 1-8.

ISNARDIS, A. Lapa, Parede, Paineis. Distribuição das Unidades Estilísticas dos Grafismos Rupestres do Vale do Rio Peruaçu e suas Relações Diacrônicas (Alto-Médio São Francisco, Minas Gerais). São Paulo: MAE/ USP. Dissertação de Mestrado. 2004.

JORGE, Marcos; PROUS, André; RIBEIRO, Loredana. Brasil Rupestre: Arte pré-histórica brasileira. Curitiba: Zen Crane Livros, 2007.

LINDOSO, Galiana da Silveira; FELFILI, Jeanine Maria. Revista Brasileira de Biociências, Porto Alegre, v. 5, supl. 2, p. 102-104, jul. 2007 Características Florísticas e Estruturais de Cerrado sensu stricto em Neossolo Quartzarênico.

LONGO, Leila. Linguagem e Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

LOURDEAU, Antoine. A Pertinência de uma Abordagem Tecnológica para o Estudo do Povoamento Pré-Histórico do Planalto Central do Brasil. In: Habitus; Instituto Goiano da Pré-História e Antropologia. Universidade Católica de Goiás. Goiânia: UCG. V.4, n.2, 2006.

MARTINS, Mirian Celeste; et al. Didática do Ensino De Arte: A Língua do Mundo: Poetizar, fruir e conhecer arte. São Paulo: FTD, 1998.

OLIVEIRA, Lizete Dias de. A Arte Rupestre no Rio Grande do Sul: Semiótica e Estereoscopia. FUMDHAMENTOS VII – 469 disponível em <<http://www.fumdam.org.br/>> 2006.

PARELLADA, Claudia Inês. Revista Científica/FAP. (in) Arte Rupestre No Paraná. Curitiba, v.4, n.1 p.1-25, jan./jun. 2009.

PARRON, Lucilia Maria; et al. Cerrado: desafios e oportunidades para o desenvolvimento sustentável. Planaltina DF: Embrapa Cerrados, 2008.

PESSIS, A. M. Imagens da Pré-história. Parque Nacional da Serra da Capivara. São Paulo: Fumdam- Petrobrás, 2003.

PROUS, A.; SEDA, P. – 1987. Cronologias, Tradições e metodologia na arte Rupestre do Sudeste. Boletim Série Catálogos. Rios de Janeiro. Instituto de Arqueologia Brasileira, 177-181.

PROUS, André. Arqueologia Brasileira. Brasília: UNB, 1992.

PROUS, A. – 1996. Recent studies on rock art in Brazil. BAHN, P. G. & FOSSATI, A. (ed.). *Rock Art Studies – News of the World I*. Oxbow Monograph, 215- 219.

PROUS, A. 1996/97. Archéologie du Cours Moyen du Rio São Francisco (Vallées dès rios Peruaçu et Cochá). *Arquivos do Museu de História Natural*. Belo Horizonte: UFMG, v. 17/18.

PROUS, A. Agricultores de Minas Gerais. In: Tenório, M. C. Pré- História da Terra *Brasilis*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ. 1999^a.

PROUS, A.; RIBEIRO, L. – 2005. A extensão da Tradição Nordeste na América do Sul. XIII Congresso da Sociedade de Arqueologia. Campo Grande.

RESENDE, Maria Leônia C. de; et al. Mapeamento da Arte Rupestre na Estrada Real. *Revista do Arquivo Público Mineiro*. MG. Ano 2. 2010, p. 109 a 125.

RIBEIRO, Loredana. Os Significados da Similaridade e do Contraste entre os Estilos Rupestres: um estudo regional das gravuras e pinturas do alto-médio rio São Francisco. Tese Apresentada a Universidade do Estado de São Paulo. 2006. Disponível em: <http://www.teses.usp.br>

RIBEIRO, L. – 1997. Tradição e ruptura na arte rupestre da Lapa do gigante, Montalvânia? MG. *Clio – série Arqueológica*, 1(12): 177-190.

ROSA, André Luiz. Pré-História em Questão: um breve estudo sobre a arte rupestre em Florianópolis, no Nordeste e na região Amazônica. <<http://www.historiaehistoria.com.br>>. Acesso em 13 de janeiro de 2013.

SANTAELLA, Lucia; NOTH, Winfried. *IMAGEM: Cognição, Semiótica, mídia*. 1.ed. 4.reimpressão. São Paulo: Iluminuras, 1999 - 2008.

SILVA, Martha Maria de Castro. Os Grafismos Rupestres do Abrigo de Poseidon: desordem estilística na arte rupestres do Alto-Médio São Francisco. Trabalho de Mestrado apresentado à Universidade de Campinas. Disponível em <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/>>. 2002.

SILVA, J. C. Avelino da. Arte, Rito e Simbolismo. (in) *Caminhos*. Mestrado em Ciências da Religião da Universidade Católica de Goiás. Goiânia, v. 3, n.1. Jan./ jun. 2005.

SCHMITZ, P. I.; BARBOSA, A; MIRANDA, A. – 1996. Arqueologia nos Cerrados do Brasil central: sudoeste da Bahia e leste de Goiás – Projeto Serra Geral. *Pesquisas, série Antropologia*. São Leopoldo, Instituto Anchieta de Pesquisas, n. 52.

SCHMITZ, P. I.; RIBEIRO, M. B.; BARBOSA, M; BARBOSA, A; MIRANDA, A.- 1986. Caiapônia – arqueologia nos cerrados do Brasil central. São Leopoldo, Instituto Anchieta de Pesquisas.

STRICLAND, Carol. *Arte Comentada: Da Pré-História ao Pós – Moderno*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

WÜST, I. A Arte Rupestre: seus mitos e seus potenciais interpretativos. In: *Ciências Humanas em Revista*. Goiânia: UFGO, 2 (1/2), 1991. p.47-74.

Revistas

Antes: Histórias da Pré- História. Centro Cultural Banco do Brasil. Rio de Janeiro. Brasília. São Paulo, 12 de outubro de 2004 a 09 de janeiro de 2005.

Fundamentos IX – Fundação Museu do Homem Americano. Anais do Congresso de Arte Rupestre IFRAO. Parque Nacional da Serra da Capivara, Piauí- Brasil. 29 de junho- 3 de julho de 2009. FUMDHAM. Brasil. Outubro de 2010. A Povoação das Américas - História da Povoação das Américas. Disponível em <<http://www.historiadomundo.com.br>>. Acesso em 02 de agosto de 2012.

Sites

<http://www.cultura.gov.br/>Ministério da Cultura (órgãos e entidades extintas). Acesso em: 22 de julho de 2012.

<http://www.censo2010.ibge.gov.br/>Acesso em 07 de setembro de 2012.

<http://www.seagri.ba.gov.br/>. Acesso em 07 de setembro de 2012.

<http://www.saodesiderio.ba.gov.br/>. Acesso em 07 de setembro de 2012.

<http://www.cult.ufba.br/>. Acesso em 26 de junho de 2012.

<http://www.ufscar.br/>. Acesso em 02 de julho de 2012

<http://www.aiba.org.br/regiao-oeste>. Acesso em 07 de janeiro de 2013.

<http://www.massapeimoveis.com.br/>. Acesso 07 de janeiro de 2013.

<http://www.embrapa.br/>. Acesso 16 de janeiro de 2013.

<http://www.ufrb.edu.br/reconcavoarqueologico>. Acesso em 16 de janeiro de 2013.

<http://www.ibge.gov.br/>. Acesso em 16 de janeiro de 2013.

<http://mekstein.blogspot.com.br/>. Acesso em 06 de março de 2013.